



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO E APRENDIZAGEM

**A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ORLANDO  
VENÂNCIO DOS SANTOS**

**LUÍZ FÁBIO MARQUES GUEDES**

**CUITÉ - PB**

2011

UFCG / BIBLIOTECA

LUÍZ FÁBIO MARQUES GUEDES

**A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ORLANDO  
VENÂNCIO DOS SANTOS**

Trabalho monográfico obrigatório para obtenção do título de especialista do curso de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande, sob orientação da Profa. Dra. Denise Domingos da Silva

**CUITÉ - PB**

2011



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

G924i Guedes, Luiz Fábio Marques.

A influência televisiva na educação: um estudo de caso na escola estadual de ensino fundamental e médio Orlando Venâncio dos Santos. / Luiz Fábio Marques Guedes – Cuité: CES, 2011.

72 fl.

Monografia (Curso de Especialização com Foco Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFPG, 2011.

Orientadora: Dra. Denise Domingos da Silva.

1. Televisão. 2. Televisão - uso. 3. Televisão – linguagem - escola. I. Título.

CDU 371.68

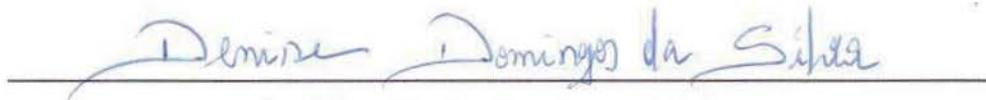
LUÍZ FÁBIO MARQUES GUEDES

**A INFLUÊNCIA TELEVISIVA NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ORLANDO  
VENÂNCIO DOS SANTOS**

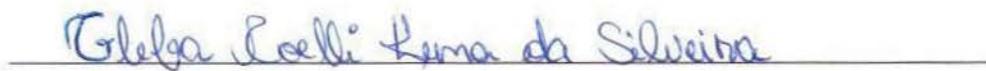
Trabalho monográfico obrigatório para obtenção  
do título de especialista do curso de pós-graduação  
da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em 22/11/2011

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Denise Domingos da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dra. Gleba Coelli Luna da Silveira  
Universidade Estadual da Paraíba

---

Prof. Dr. André Antunes Martins  
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico este trabalho aos meus pais Áurea e Antônio

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram para o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço de forma especial a minha orientadora professora Denise Domingos da Silva, por ter aceitado esse desafio, pois sem sua ajuda não teria sido possível a realização deste.

Agradecimentos mais que especiais aos meus pais Áurea e Antônio que sempre me incentivaram a estudar e a buscar meus objetivos, apesar das dificuldades.

A minha irmã Cibele e a minha prima Valesca por toda ajuda e disposição com a qual me ajudaram.

As minhas amigas Karleise Farias e Kaligiana Farias pela cumplicidade e companheirismo.

Agradecimento mais que especiais ao meu grande amigo Alex Junior por toda paciência e dedicação com qual sempre disponibilizou para me ajudar a realizar este trabalho.

A todos os professores da especialização que contribuíram para o enriquecimento dos meus conhecimentos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

*“Talvez sejamos ainda os mesmo educadores,  
mas certamente nossos alunos já não são os  
mesmos, ‘estão em outra’.”*

*BABIN*

## RESUMO

O presente estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos. A amostra usada neste estudo foi constituída por 36 adolescentes de idades compreendidas entre 14 e a19 anos, residentes no município de Cuité PB, alunos estes do 1º ano do ensino médio. Este trabalho teve como principal objetivo comparar qual linguagem consegue ser mais atrativa: a linguagem televisiva ou a linguagem usada pelos professores na escola. Para isso se fez necessário compreender as argumentações feitas pelos alunos. Para a realização desse trabalho foram aplicados questionários com perguntas fechadas e abertas que serviram como norteadoras para o desenvolvimento e a compreensão da pesquisa. Resultados gerais sobre a situação socioeconômica dos alunos: verificou-se que A renda familiar da maioria dos alunos entrevistados oscila entre um e dois salários mínimos e quanto à origem da renda o que predomina entre as famílias é o trabalho com carteira assinada, sendo que a maioria dos alunos não exerce nenhuma função remunerada. No tocante a moradia a maioria dos alunos moram em casas próprias, sendo que mais da metade ficam localizadas na zona urbana. A televisão foi o único aparelho eletrônico encontrado em todas as residências. Boa parte dos alunos acessa sempre a internet. Um número significativo de alunos já leu mais de quatro livros (científicos ou literários), sendo que mais da metade já foram reprovados pelo menos uma vez e a maioria dos alunos já tiraram notas inferiores a média em 2011. Resultados gerais sobre a comparação entre a linguagem televisiva e a linguagem escolar: A maioria dos pais parece não exercer uma postura mediadora no que se refere ao tempo que os filhos dedicam ao consumo televisivo e as atividades escolares. A maioria dos alunos afirmou que a televisão consegue despertar sua atenção e que consideram a linguagem televisiva mais atrativa do que a linguagem usada pelos professores nas aulas expositivas. Boa parte dos alunos acha as aulas atrativas, porém mais da metade não estão satisfeitos com a forma como os conteúdos são trabalhados na sala de aula. Os resultados encontrados sugerem, portanto, que a televisão através da utilização de cores, imagens, sons e de uma linguagem de conteúdos que se aproximam do cotidiano dos alunos acaba assumindo um papel de educadora não formal, sendo seu poder de atuação no processo de formação bem mais eficaz do que a instituição escolar que atua quase sempre baseada na utilização da escrita e nos livros didáticos.

**Palavras-chave:** Televisão, Educação, Linguagem, Escola.

## ABSTRACT

This study was conducted in the State School for Elementary and Middle Venancio Orlando dos Santos. The sample used in this study consisted of 36 adolescents aged between 14 and 19-year-old living in the city of Cuité PB, these students of 1st year of high school. This work aimed to compare which language could be more attractive: the television language or the language used by teachers in school. For it was necessary to understand the arguments made by the students. To carry out this work were applied questionnaires with closed and open questions that served as guiding the development and understanding of the research. Overall results on the socioeconomic status of students, found that family income of the majority of students interviewed ranged between one and two minimum wages and income for the origin of which is prevalent among households with formal work, and the Most students do not exercise any paid job. With regard to housing the majority of students live in their own houses, and over half are located in urban areas. Television was the only electronic device found in every home. Most of the students always accesses the internet. A significant number of students have read more than four books (scientific or literary), and over half have already failed at least once and most students took notes as below average in 2011. Overall results on the comparison between language and school language television: Most parents do not seem to exercise a mediating position in relation to the time that children devote to television consumption and school activities. Most students said that television can arouses your attention and consider the language television more attractive than the language used by teachers in lectures. Most of the students find the classes attractive, but more than half are not satisfied with the way the contents are worked in the classroom. The results therefore suggest that television through the use of colors, images, sounds and language content approaching the daily life of students is taking on a role of non-formal educator, and its power to act in the training process much more effective than the academic institution that acts almost always based on the use of writing and textbooks.

**Keywords:** Television, Education, Language, School.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Representação quantitativa de alunos por gênero.....	45
Figura 02 - Representação quantitativa de alunos em função da idade.....	46
Figura 03 - Representação quantitativa de alunos quanto a origem da renda familiar.....	47
Figura 04 - Representação quantitativa de alunos quanto a renda familiar.....	48
Figura 05 - Representação quantitativa do numero de alunos que desempenham função remunerada.....	48
Figura 06 - Representação quantitativa de alunos referente a moradia.....	49
Figura 07 - Representação quantitativa de alunos quanto a localização de suas residências.....	50
Figura 08 - Representação quantitativa de alunos quanto a posse de eletrodomésticos.....	50
Figura 09 - Representação quantitativa de alunos quanto o acesso à internet.....	51
Figura 10 - Representação quantitativa de alunos referente a leitura de livros literários ou científicos.....	52
Figura 11 - Representação quantitativa de alunos que visitam a biblioteca da escola.....	53
Figura 12 - Representação quantitativa referente a repetência escolar.....	53
Figura 13 - Representação quantitativa referente ao número de alunos com notas inferiores a média em 2011.....	54
Figura 14 - Representação quantitativa referente ao consumo televisivo dos alunos.....	55
Figura 15 - Representação quantitativa referente ao tempo disponibilizado para as atividades escolares extraclasse.....	56
Figura 16 - Representação quantitativa referente à determinação dos pais para o consumo televisivo diário.....	57
Figura 17 - Representação quantitativa referente a determinação dos pais para que os alunos façam as atividades escolares diárias.....	57

## LISTA DE SIGLAS

CEPES - Centros paraibanos de Educação Solidária

EJA - Educação de Jovens e Adultos

DVD - Disco Versátil Digital

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

TV - Televisão

UNICF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivo Específico.....	14
3 REFERENCIAL TERÓRICO.....	14
3.1 Uma Interpretação do Conceito de Cultura.....	15
3.2 Uma Breve Análise Sobre a Cultura de Massa.....	17
3.3 Uma Interpretação Sobre Cultura Midiática.....	20
3.4 O culto a aparência e as implicações desta para o campo educacional.....	22
3.5 Historicizando Os Meios de Comunicação.....	28
3.6 A Televisão.....	32
3.6.1 A origem e a função da televisão.....	34
3.7 A Educação e as Novas Implicações Metodológicas.....	37
3.8 Perspectivas Sobre a Relação da Educação com as Mídias.....	39
4 METODOLOGIA.....	43
4.1 Descrição da Escola.....	43
4.2 A Amostra.....	45
4.3 O Questionário.....	46
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	47
5.1 Questionário Socioeconômico.....	47
5.2 Tempo Destinado Diariamente pelos Alunos ao Consumo Televisivo e para as Atividades Escolares.....	55
5.3 Comparação Entre a Linguagem Televisiva e a Escolar.....	58
6 CONCLUSÕES.....	63
7 SUGESTÕES RELATIVAS A FUTURAS INVESTIGAÇÕES.....	64
8 REFERÊNCIAS.....	65
9 ANEXOS.....	70

## 1 INTRODUÇÃO

A constatação de um ensino abrangente leva a indagação sobre os critérios de seleção de conteúdos significativos para os alunos que vivenciam com intensidade o presente marcado pelos ritmos acelerados das tecnologias.

No Brasil a televisão é mídia mais acessada como meio de informação e de entretenimento, surgindo assim uma dicotomia ou tensão entre o propósito educativo e o conteúdo predominante na televisão brasileira. A escola enfrenta alguns problemas, como por exemplo, no tocante a metodologia de ensino que não corresponde muitas vezes com a realidade do novo mundo em fase de transição, onde as tecnologias estão ganhando cada vez mais espaço. A escola sofre e continua sofrendo, cada vez mais, a concorrência da mídia, com gerações de alunos formados por uma gama de conhecimentos obtidos por intermédio de discursos audiovisuais, por um repertório de dados obtidos por imagens e sons, como formas de transmissão diferentes das que têm sido realizadas no ambiente escolar.

No Brasil a mídia televisiva tem um destaque muito grande no que diz respeito ao ser poder de persuasão exercida sobre as pessoas camufladas sobre a aparência de democracia, deixando nas estrelinhas todo o seu autoritarismo, ela tem como prioridade o consumo e a alienação midiática, ambas atuam no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, as instituições, as crenças e as práticas urgentes. Ditando padrões e estímulo de consumo não favorecendo a cultura.(...) as pessoas passam um tempo enorme ouvindo rádio, assistindo a televisão, frequentando cinema, convivendo com música, fazendo compras, lendo revistas e jornais, participando dessas e de outras formas de cultura veiculada pelos meios de comunicação. Portanto, trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor em primeiro plano para qual convergem nossa atenção e nossa atividade, algo que, segundos depois estão minando a capacidade humana. (KELLNER, 2001, p.11)

Além disso, os estudos culturais examinam os efeitos dos textos da cultura da mídia, os modos como o público se apropria dela e a usa, além dos modos como as imagens, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral (BRAGA, 2004, p.1). Algumas perspectivas teóricas sobre a cultura da mídia, a política e a ideologia que são inerentes a pesquisa irão aparecer no decorrer do texto.

Faz-se necessário entender um público estudantil e sua dificuldade para estabelecer relações com os tempos históricos, um presente repleto de contradições, um futuro duvidoso e um passado confuso, apresentado pelos diversos meios de comunicação e pela escola. Assim apropriados pelas gerações ao longo do tempo, cabe perguntar o que essas representações,

imagens e discursos têm deixado ao longo do tempo, o que a escola vem fazendo e qual a interação entre ela e o papel dos professores nas lutas políticas e sociais, além da maneira com que ela molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam, se comportam, observam os outros e como se veem, assim construindo sua própria identidade. Neste sentido, busca-se explorar algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que fornece mecanismos para construção de identidades e fortalecimento do papel da escola, para sua resistência e luta, e como a escola poderá resistir, ao que os jovens vivenciam essas lutas por meios de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia.

Nesse sentido, compreende-se que a relação entre mídia e educação implica em muitas discussões, Luck (2000) problematiza a temática fazendo algumas indagações: Qual é a formação oferecida aos professores, que elementos estão disponíveis, para pensar sobre esse tema? Será que essas linguagens usadas pelos meios de comunicação, especialmente a da televisão já são compreendidas como texto, como linguagens a serem decifradas e entendidas por todos? Os professores já são alfabetizados nestas linguagens. Ainda há outras questões: não é na escola que devem acontecer as discussões e reflexões sobre toda e qualquer transformação nas formas de relação e na estruturação das sociedades? Não são os professores que devem estar preocupados e capacitados para discutir e utilizar em sala de aula as linguagens das quais se utilizam em cada tempo histórico os sujeitos e os grupos sociais para se comunicar.

Dessa forma, considera-se pertinente estudar a relação existente entre o consumo televisivo e as implicações ocasionadas que tornam esse meio tão atrativo para os jovens e em contrapartida as dificuldades encontradas pelos professores que não conseguem fazer dos conteúdos escolares algo que desperte o mesmo interesse que a televisão. Procurou-se fazer um levantamento de informações relacionadas com o consumo televisivo e também sobre os motivos que fazem deste tão interessante, analisa-se também a forma como os conteúdos escolares são trabalhados nas aulas pelos professores segundo a opinião dos alunos, sendo utilizado para este fim um questionário com questões abertas e fechadas.

Para o estudo dos conteúdos acima referidos foi utilizado dois questionário, que permitiu:

- Conhecer a realidade socioeconômica dos alunos
- Saber o tempo destinado pelos alunos para o consumo diário televisivo;
- Saber o tempo destinado pelos alunos para as atividades escolares diariamente;
- Verificar se os pais estabelecem limites para o consumo televisivo dos alunos;
- Verificar se os pais determinam um tempo diário para que os alunos se dediquem as atividades escolares;
- Conhecer a opinião dos alunos no tocante a linguagem televisiva;
- Conhecer a opinião dos alunos no tocante a linguagem utilizada pelos professores na escola;
- Conhecer a opinião dos alunos sobre a seguinte questão: se eles consideram a linguagem televisiva mais atrativa do que a linguagem utilizada pelos professores nas aulas expositivas;
- Conhecer a opinião dos alunos no que diz respeito a satisfação destes em relação a forma como as aulas são ministradas;

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos, numa turma do ensino médio.

Em suma, neste trabalho pretendeu-se estudar a relação existente entre o consumo televisivo e as implicações ocasionadas que tornam esse meio tão atrativo para os jovens e em contrapartida as dificuldades encontradas pelos professores que não conseguem fazer dos conteúdos escolares algo que desperte o mesmo interesse que a televisão.

O presente trabalho foi organizado em duas partes fundamentais: a primeira referente ao embasamento teórico onde foram tratados os conceitos de cultura, cultura de massa, cultura midiática, culto a aparência, meios de comunicação, televisão, educação e a segunda parte dedicada ao estudo empírico. Nesta última, encontram-se os principais resultados organizados em dois tópicos: resultados gerais relacionados às questões socioeconômicas, resultados gerais sobre os motivos que levam a linguagem televisiva ser mais atrativa para os alunos do que a linguagem usada pelos professores no ambiente escolar.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral

Compreender a influência da televisão sobre o processo de formação educacional de uma amostra de adolescentes da 1ª série do Ensino Médio e analisar a relação existente entre o consumo televisivo e as implicações ocasionadas que tornam esse meio tão atrativo para os jovens.

### 2.2.- Objetivos Específicos

Conhecer os consumos televisivos dos adolescentes, quanto ao tempo destinado diariamente, quais os elementos apresentados tornam a TV tão atrativa, sendo também questionada a forma como os conteúdos são trabalhados nas aulas e se estas têm o poder de prender a atenção e o tempo que dedicam às atividades escolares.

Realizar levantamento de informações relacionadas com o consumo televisivo e os motivos que fazem deste tão interessante e a comparação da forma como os conteúdos escolares são trabalhados nas aulas, sendo utilizado para este fim um questionário com questões abertas e fechadas. As variáveis que norteiam este estudo é buscar compreender por que a linguagem televisiva consegue despertar mais interesse nos jovens do que a linguagem usada em sala de aula.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 UMA INTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Faz-se necessário explicitar algumas das formulações teóricas e metodológicas nas quais se baseia a concepção de cultura com que se trabalhará. Procurando, assim, indicar nessa seção alguns dos princípios gerais que vão nortear as análises apresentadas.

Neste capítulo, apresenta-se algumas discussões inspiradas em Caldas (1989), Chauí (2000), em que a melhor forma de entender o complicado processo que se dá a relação entre mídia e educação.

Segundo Melander Filho (2009) a etimologia do termo cultura provém do verbo latino *colere* que significa cultivar e seu significado original está ligado às atividades agrícolas de nossos antepassados.

Giddens (2005) afirma que quando os sociólogos se referem à cultura, estão preocupados com aqueles aspectos da sociedade humana que são antes apreendidos do que herdados. A cultura de uma sociedade, para este autor, compreende tanto aspectos intangíveis – crenças, as idéias e os valores que formam o conteúdo da cultura – como também aspectos tangíveis – os objetos, os símbolos ou a tecnologia que representam esse conteúdo.

Para Caldas (1989) cultura é indefinível, mas é a única obra eterna do homem. Partindo dessa perspectiva fica impossível imaginar a vida humana sem a bússola, a escrita e o papel. Segundo o autor estas criações orientam os homens para o caminho correto: o caminho da comunicação.

De acordo com Frei Beto (2003) cultura, em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. Cultura é tudo aquilo que engrandece nosso espírito e nossa consciência.

Conclui-se que conhecimento e cultura não são entidades distintas nem mutuamente isentas. Conhecimento como processo de permanente busca do novo e cultura como conhecimento sedimentado no seio de um grupo social. Conhecimento gera cultura que, por sua vez, cria condições para que o processo do conhecimento ocorra. Trata-se de um círculo de realimentação.

Existem ainda outros conceitos que são importantes para compreender a cultura. Santos (2006) afirma que cultura é uma preocupação contemporânea, e pode ser entendida

como uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. Para este autor o desenvolvimento da humanidade estaria marcado por contatos e conflitos entre diferentes formas de organização social. Porém esta não é a única forma de compreensão, há de se considerar a maneira como esses grupos imaginam a realidade e expressam assim como a utilização dos recursos naturais e sua transformação. Nesse sentido, entende-se que história tem em seus registros relatos significantes sobre as transformações culturais, essas transformações são ocasionadas pelos contatos e conflitos ou por forças internas, sendo mais provável que aconteça com maior frequência uma atuação em conjunto. É nesse ponto que o autor sugere que a discussão sobre cultura tem que ser conduzida levando em consideração a humanidade em todos os aspectos, pois são abrangentes as realidades dos grupos humanos e as características que os unem e diferenciam, estas que são expressadas pela cultura.

A ocupação da terra ocorreu através de uma expansão progressiva, na qual os grupos humanos passaram a povoar quase todos os continentes, lembrando que os diversos grupos tiveram uma origem biológica comum. Santos (2006) afirma que nesse progresso, foi estabelecido um contato frequente entre os grupos humanos, porém a intensidade desses contatos passou a permitir muito isolamento, na qual vários grupos se desenvolveram. As novas tecnologias do mundo atual possibilitou o aceleração desses contatos, causando o fim do isolamento dos grupos, surgindo dessa forma uma tendência à formação de uma civilização mundial.

O desenvolvimento dos grupos humanos foi marcado pela diversificação das modalidades, ou seja, o processo de desenvolvimento humano aconteceu de maneiras diferentes entre os grupos. Apesar da diversificação dos desenvolvimentos dos grupos humanos, surgiram algumas explicações a esse respeito, tendo prevalecido as tendências dominantes, a exemplo da visão europeia da humanidade que para legitimar o poder dos países capitalistas passou a divulgar a concepção da evolução por estágios, que de acordo com os estudos de Santos (2006, p.7):

Não foi difícil perceber nessa concepção de evolução por estágios uma visão europeia da humanidade, uma visão que utilizava concepções europeias para construir a escala evolutiva, e que além do mais servia aos propósitos de legitimar o processo que se vivia de expansão e consolidação do domínio dos principais países capitalistas sobre os povos do mundo. As concepções de evolução linear foram atacadas com idéia de que cada cultura tem sua própria verdade e que a classificação dessas culturas em escalas hierarquizadas era impossível dada a multiplicidade de critérios culturais.

BIBLIOTECA

A constatação sobre os conceitos de cultura faz-se pensar que a cultura não pode ser entendida apenas como um produto ou até mesma uma coisa com início, meio e fim voltada apenas para atender as interesses das classes dominantes, pode-se encontrar outras referências culturais que não atendam a esses interesses, como por exemplo a cultura grega, indígena, francesa e tantas outras, sendo que nesses caso muito bem lembrado por Santos (2006), o que poderia se fazer é extrair da experiência histórica de um povo produtos, estilos, épocas, formas e construir com isso um modelo de cultura desprendido de fins capitalistas. Porém o que prevalece com maior incidência na atualidade é esse modelo cultural que visa atender aos interesses das classes dominantes, estas que usam a lógica do mundo capitalista para a manutenção da organização social, pois como se sabe nessa ordem na há muitas alterações.

Os estudos sobre cultura são bem abrangentes, de acordo com Caldas (1989) não se pode esquecer que a cultura está em constante processo de transformação. Para este autor os novos valores nem sempre são aceitos unanimemente por todos os integrantes de uma sociedade, pois a uma resistência maior por parte das pessoas mais velhas em aceitar os novos valores, em contrapartida os mais jovens estão mais abertos a mudanças, mudanças essas que trazem transformações sociais e que passam a ser divulgadas através da música, da moda, das artes de em modo geral e do avanço das tecnologias. Sendo assim estes elementos passaram a modificar a cultura, criando novas concepções, nova visão de mundo. Segundo Santos (2006): “Dessa forma os padrões culturais aparecem como elementos que circunstancialmente, transformam o homem produtor de cultura em apenas reproduzidor de cultura, como forma de garantir o sistema social.”

### **3.2 UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A CULTURA DE MASSA**

Para entender como funciona o poder das classes dominantes se faz necessário compreender-se o papel do Estado e a participação política na produção e no consumo da cultura, lembrando que é através da estrutura de classes, do sistema econômico, da organização política do Estado, do sistema econômico e seus meios de produção quem determinam a cultura, que para Caldas pode ser compreendido como:

Nesses termos, não se pode imaginá-la como um fenômeno neutro, isolado. Ao contrário, é um conceito histórico, específico e ideológico. Só podemos entendê-la se pensarmos nas determinações específicas da formação social. Em qualquer sociedade, seja ela a mais simples ou a mais complexa, sua cultura desenvolve-se através dos níveis de sua estrutura: o econômico, o político, o educacional etc. Eles formam a totalidade das relações e das práticas sociais. Um estudo sobre cultura, necessariamente, precisa considerar o sistema econômico da sociedade, o processo histórico e a organização política do Estado. Sem deixarmos de lado esses elementos, seguramente teríamos uma concepção idealística, histórica e abstrata da cultura. E, o que é pior, perceberíamos de forma apenas superficial os fatores que realmente determinam a formação cultural de uma sociedade. (CALDAS 1989 p.31)

Para legitimar o seu poder as classes dominantes utilizam-se de um discurso na qual aparentemente não há diferenças entre as classes sociais. Podemos entender o funcionamento desse discurso da seguinte forma:

Para exercer o poder e justificar seu exercício os dominantes precisam que as representações acerca do social e do político coincidam com o real e se, neste, povo e elite constituem pólos contraditórios da divisão e luta das classes, os dominantes precisam agir de sorte a fazer com que todas as manifestações da diferença e da contradição permaneçam escondidas graças a um discurso e a uma prática coercitiva que garantam a todos os membros da sociedade o sentimento de que fazem parte da mesma maneira e que a contradição não existe, o melhor, seja vista como diferentes maneiras igualmente legítimas de fazer parte da mesma sociedade. (CHAUI, 1989 p. 52)

Isso ajuda a entender o tenso estado de incompletude e de constante desejar em que nos encontramos. “Assim, podemos pressupor, que cada sociedade modela seu sistema educacional de acordo com seus interesses. Na sociedade capitalista, a educação demonstra revelar a ideologia sobre a qual o capital se sobrepõe ao trabalho. O lucro está acima de tudo. Parte deste mesmo sistema, a mídia, também exerce seu papel coadjuvante para a manutenção da ordem social. (SILVA et al., 2010, p. 03).

É válido ressaltar que a classe dominante é responsável pelo desenvolvimento da cultura científica, da produção cultural erudita, ou seja, é esta classe a responsável pelo desenvolvimento científico e tecnológico da sociedade. Caldas (1989) define esta como sendo a monopolizadora da cultura, pois ela quem produz a cultura científica e tecnologia nos laboratórios e nos centros de pesquisa. Dessa forma a classe dominante influencia, cria padrões de comportamento e educa as classes subalternas segundo sua própria visão de mundo, seus conceitos e seus interesses.

No início do século XX os Estados Unidos e a Europa passaram por um acelerado desenvolvimento industrial, ocorrendo um processo de urbanização que passou a mudar o panorama dos grandes centros da época. Mudanças essas que segundo Caldas (1989)

acarretariam em transformações sociais, sendo importante destacar que os meios de comunicação colaboraram de forma decisiva para essas mudanças. A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação é que a cultura de massa passou a ser utilizada.

Cultura de massa tende a estandardizar-se, ou a torna-se padronizada porque seu objetivo é agradar ao gosto médio, criando, dessa forma, uma clientela indiferenciada. A principal meta é o lucro. Aparentemente, porém, a questão das diferenças de classe social parece desaparecer. Mas, efetivamente, não desaparece. (CALDAS, 1989, p. 84)

Quando se fala em cultura de massa merece destaque a importância do “sistema de comunicação de massa”, este que é composto pela imprensa escrita, falada e televisionada, sendo estas consideradas por Caldas (1989) como as grandes responsáveis pela formação da opinião pública. Os meios de comunicação passam uma ideologia, que tem como objetivo atender os interesses da indústria cultural, tornando as pessoas conformistas, desenvolvendo o desejo de consumir produtos e minando a consciência crítica dos indivíduos. .

Ela impede que os cidadãos se tornem autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. Através do monopólio que exerce sobre a sociedade e, por decorrência, sobre o próprio indivíduo, veiculando a informação escrita, falada e televisada, determinando o consumo de produtos culturais, dos objetivos, etc., a indústria cultural transforma-se, finalmente, no engodo das massas. A relação democrática entre o consumidor e a indústria cultural, portanto, não existiria. (CALDAS 1989 p.88)

A indústria cultural contribui para a manutenção da ordem social através da produção de conselhos conformistas e da grande variedade de modismo que incentivam o consumo. Lessa (2004) diz que isso acontece por meio de um aparato publicitário que além de fazer propaganda de si mesma, utiliza-se da psicanálise para aguçar os desejos libidinosos dos indivíduos. Nessa concepção os consumidores são todos tratados como uma massa de manobra desprovida de individualidade.

Os produtos culturais atingem todos os níveis de consciência psicanalítica do indivíduo. Seus conteúdos veiculam não só uma mensagem explícita, como também uma mensagem oculta a ser absorvida pelo inconsciente dos indivíduos. Dessa forma, a indústria cultural difunde não só regras sociais e comportamentos como também formas de conceber e analisar o mundo, pois “ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. (ADORNO, 1971; apud LESSA, 2004)

Dessa forma compreende-se que nas sociedades contemporâneas os meios culturais são usados como instrumentos de propagação das ideologias dominantes, nesse sentido é

instituído um discurso nivelador na qual não existem diferenças sociais, para isso se faz necessário que as representações políticas e sociais se apresentem de uma maneira que não evidencie as diferenças existentes.

### 3.3 UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE CULTURA MIDIÁTICA

Muitos autores têm dedicado seus estudos na tentativa de compreender as implicações sobre a cultura midiática, buscando entender como estas conseguem transformar o modo de vida das pessoas. Para Moreira (2003) a cultura “passa” ou “acontece” cada vez mais por meio da mídia. Para este autor as manifestações culturais mais diversas só são reconhecidas como tais pela sociedade depois de serem mostradas ou incorporadas pela mídia, sendo que esta também cria seus próprios bens culturais passando estes a serem do alcance social. Em suma a mídia passa a ser ao mesmo tempo acontecimento, produtora e divulgadora cultural. É nesse contexto que surge o conceito de Cultura midiática.

Cultura midiática tem a ver com determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gosto e de consumo, com a internalização de “imagens de felicidade” e promessas de realização para o ser humano, produzidas e disseminadas no capitalismo avançado por intermédio dos conglomerados empresariais da comunicação e do entretenimento, e principalmente por meio da publicidade. Num âmbito mais amplo e necessariamente genérico, cultura midiática é a cultura do mercado pensada e produzida para ser transmitida e consumida segundo a gramática, a lógica própria, a estética e a forma de incidência e recepção peculiares ao sistema midiático-cultural. (MOREIRA, 2003, p. 1208).

A partir dessa perspectiva torna-se pertinente ressaltar que a cultura midiática é um produto regular e é sempre renovado de acordo com um sistema midiático. Braudillard, (2001), apud Moreira (2003), afirma que os principais grupos que mantêm o controle midiático colocam a sofisticação tecnológica a serviço da reprodução, da banalidade sintética, fabricada em circuito fechado e sob tela de controle, ou seja, nesse sentido o que é produzido tem como finalidade atender aos interesses das classes dominantes.

Partindo dessa lógica percebe-se que as indústrias culturais transnacionais são guiadas pelo lucro, usando livremente as imagens, os símbolos e as narrativas para gerar ganhos financeiros. Budde (2001) apud Moreira (2003) diz que as instituições culturais são hoje as mais poderosas do mundo, estas que se utilizam das histórias, das canções, provendo mais

imagens e combinando mais metáforas que qualquer outro grupo de instituições do mundo.

De acordo com os estudos de Enzenberger (1973) apud Belloni (2009, p. 56 e 57) essa discussão pode ser compreendida da seguinte maneira:

Nas sociedades industriais avançadas a socialização será organizada socialmente e a consciência vai ser produzida industrialmente. O rádio, o filme, a televisão a publicidade, todos os produtos da indústria da "industrial cultural" fazem parte do conjunto de instrumento deste "modelamento de espírito" que é uma característica fundamental destas sociedades. É preciso não esquecer, segundo esse autor, que estes instrumentos de produção da consciência são meios de dominação, a serviço da disseminação dos valores da classe dominante e da perpetuação, a serviço do sistema capitalista e da sociedade de consumo. Seus objetivos estão sempre em última instância ligados a indústria: é preciso garantir a adesão ativa do consumidor como um todo: político, econômico, cultural.

Faz-se necessário trazer essa discussão para o campo educacional, tendo em vista as implicações dessa constatação, por isso entende-se a necessidade de problematizar e refletir como a educação deve se posicionar numa sociedade que vem sendo formada cada vez mais pelos meios de comunicação.

A mídia tem um papel fundamental no processo de formação dos jovens, sendo a televisão uma das que mais preenche o tempo livre das novas gerações. Como afirma Belloni (2009, p. 57), "As crianças e os adolescentes nas sociedades contemporâneas aprendem mais com a televisão do que com os pais e professores." Dessa forma evidencia-se que tanto a escola como a família vem perdendo espaço no tocante à formação dos jovens, estes sendo formados principalmente pelos meios de comunicação em especial a televisão, estes, que em sua maioria estão voltados para atender os interesses da industrial cultural.

Freire (2000) não desprezou a cultura midiática. Considerou que as competências de um professor são as da leitura e da escrita, bem como a competência de saber enfrentar os fatos cotidianos através da comunicação humana, seja esta por meio da escrita ou por redes telemáticas. Ou seja, propõe que se trabalhe em favor do alfabetismo conceitual e político, porém sempre em relação ao desenvolvimento do raciocínio através da argumentação dialogada.

Aquino (2004) observa que Paulo Freire entendeu a reestruturação tecnológica, as transformações culturais, as novas possibilidades de acesso à informação, a integração das tecnologias ao cotidiano e a geração de imagens. Para a autora:

A educação precisa estar atenta ao estilo digital de apreensão do conhecimento, isto é, ao estilo de conhecimento engendrado pelas novas tecnologias, para se inserir nos novos espaços de aprendizagem, produção da leitura e do conhecimento. Nesse ponto, é válido reconhecer a contribuição que o educador Paulo Freire inseriu na educação brasileira, não só para atualizar as suas ideias por meio da cultura impressa, mas disponibilizá-la, reinventando, recriando e reescrevendo, a partir de vários suportes. Relendo as ideias de Freire, Gadotti capta a relação que demonstrava ter com as tecnologias na prática educativa. (AQUINO, 2004, p. 11)

Nesse sentido, nota-se que tanto Freire como Aquino são favoráveis ao uso das tecnologias, desde que essas sejam usadas enquanto ferramentas educacionais, ou seja, a escola deve utilizar as tecnologias como forma de acesso ao conhecimento, para tanto se faz necessário que os educadores desenvolvam o lado crítico dos alunos para que estes sejam capazes de saber se relacionar com a grande variedade de informações apresentadas pelas tecnologias.

### **3.4 O CULTO A APARÊNCIA E AS IMPLICAÇÕES DESTA PARA O CAMPO EDUCACIONAL**

A industrial cultural utiliza-se dos meios de comunicação, especialmente a televisão para atingir seus objetivos, sendo a exacerbação da beleza um dos elementos mais utilizados, que de acordo com os estudos de Strey (2004, p. 1) pode ser compreendido como:

Atualmente os indivíduos, com corpos mutáveis, renováveis, em constantes metamorfoses, têm na imagem do corpo o processo criativo principal de tantas releituras de si mesmo, a reprodutividade em série. Dessa forma o corpo virou "o mais belo objeto de consumo", e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo e insatisfeito com a sua aparência.

Como foi possível verificar o corpo nessa perspectiva passou a ser o principal objeto de consumo, sendo explorado pelo sistema capitalista, dessa forma se faz necessário apresentar alguns conceitos sobre o corpo.

De acordo com os estudos de Strey (2004, p.1), o corpo não se remete apenas à questão da natureza e da cultura. Braunstein & Pépin (1999) apud Strey (2004), diz ainda que o corpo

não pode ser entendido apenas como componente de elementos orgânicos, este pode ser compreendido também como fato: social, psicológico, cultural e religioso. Sendo assim tem-se que considerar que este se encontra dentro da vida cotidiana, seja nas relações de produção e troca, seja como meio de comunicação. Entende-se que nesse sentido o corpo adquire uma grande importância passando a ser entendido como um instrumento de comunicação. Dessa forma pode-se compreender o corpo como sendo um lugar que institui ideias, emoções e linguagens. A autora conclui que se torna pertinente referir-se ao corpo na sua subjetividade como produtor de sentidos que passam a representar uma cultura, desejos, emoções.

Para Gomes (2002, p. 87) o corpo é visto da seguinte forma:

Na sua trajetória histórica, o corpo constituiu-se como entidade óbvia, resultado de um longo e complexo processo de naturalização, processo esse regulador das ações e dinâmicas do corpo, que incluiu projetos biopolíticos, que justificavam hierarquias e diferenças entre homens e mulheres, crianças, jovens, adultos. A vida é uma experiência histórica que se tem com e no corpo, nela, o nascimento, o crescimento, o funcionamento do organismo (respiração, digestão, reprodução, necessidade de alimentação, sono, contato físico, sexo), a doença, a morte levam a pensar o corpo como constante e inquestionável, mas as formas como essas necessidades e funções físicas são entendidas, tratadas e praticadas contêm diversidades, podem ser concebidas como hábitos corporais designa disposições, ou seja, maneiras de fazer, duradouras e transferíveis, vinculadas a uma determinada classe de condições de existência, que atuam como fundamento para produção e ordenamento de práticas e representações... E conformam uma dimensão fundamental de sentido e orientação social, bem como uma manifestação prática de experiência e da expressão do valor da própria posição social.

Nesse sentido, Strey (2004) e Gomes (2002) consideram que o corpo pode ser interpretado como um instrumento cultural, ou seja, através dele se manifesta hábitos, valores e diferenças de classes. Desse modo percebe-se a importância que é atribuída ao corpo, de modo que os grupos que estão no poder passaram a explorá-lo a partir da vinculação de imagens, estes realizados através dos meios de comunicação.

Tendo em vista a importância dada ao corpo na contemporaneidade, concebe-se a necessidade de observar como foi criado o fascínio e a exploração em torno das questões ligadas a beleza, dessa forma busca-se fazer uma breve análise de como ao longo do tempo os homens foram se apropriando da utilização das imagens e como se relacionavam com as questões relacionadas beleza.

Marcondes Filho (1988 p.11) salienta que desde a pré-história o homem trabalha com imagens:

Há mais de 40 mil anos foram representados na gruta de Pech-Merle (França), cavalos, bisões e outros animais em movimento. A explicação desses desenhos produzidos em épocas em que o próprio homem aparecia no planeta refere-se à magia propiciária, isto é, pintando o animal, o homem acreditava dominá-lo, facilitando assim sua caça. Esses homens do período pré-histórico não se preocupavam com detalhes em suas pinturas, desenhavam apenas os traços característicos do animal que permitissem reconhecê-los. Está era a força mágica do desenho: enquanto não detalhado, o animal permanecia “abstrato”, ou seja, era simplesmente um animal e poderia ser qualquer um.

Dessa forma evidencia-se a necessidade humana de recriar a realidade através da utilização de imagem, tendo início ainda na pré-história. Era através de técnicas bem primitivas que os homens desenvolviam seus desenhos, usavam o ocre e o carvão para imortalizar a sua cultura nas paredes das grutas e cavernas. Nesse sentido, verifica-se as primeiras formas humanas de se relacionar com as imagens, estas que tinha uma função desprovida de qualquer ideologia de dominação, pois naquelas sociedades primitivas a grande luta se dava na busca pela sobrevivência.

Segundo a historiografia desde os tempos mais remotos os homens se preocupam com as questões ligadas a beleza. A noção da beleza sofreu alterações ao longo da história e havia oscilação de cultura para cultura. Schubert (2009, p 1) destaca uma das concepções de beleza:

A busca do lindo, da beleza, do bonito, do esteticamente belo é tão antiga quanto à existência da humanidade. Diferentes épocas e culturas têm seus modelos ou padrões específicos de beleza por meio dos quais dizem dos seus gostos e preferências estéticas. No período tribal, a mulher considerada bela era aquela que tinha atributos físicos desenvolvidos para a procriação e posterior amamentação, principalmente. O homem considerado belo era principalmente o mais astuto e forte, pois este tinha esperteza e força física para defender a prole. São as características mais importantes para a sobrevivência que se tornam valores com influências formativas no contexto cultural. Historicamente, o corpo tem se mostrado de várias formas. Em alguns momentos ele se torna fundamental para compreender e expressar a sociedade na qual se insere.

De acordo com os estudos de Rosário (1995) apud Strey (2004) o ideal de beleza na Grécia estava pautado na valorização do físico, seja para sua utilização na prática de esporte ou como preparação para as guerras. Dessa forma a beleza na cultura grega pode ser compreendida através da valorização do concreto, ou seja, da beleza física.

O corpo na Grécia antiga, era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. O corpo era valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade. Em Esparta, atividades corporais recebiam um lugar de destaque na educação de jovens, que buscavam um corpo saudável e fértil. Já em Atenas, no modo de educação corporal, prevalecia o ideal de ser humano belo e bom. Nas demais cidades Gregas, a atividade corporal encontrava-se em torno dos Jogos Olímpicos. Porém as atividades corporais das classes menos favorecidas, tinham como objetivo, a preparação para a guerra. (STREY, 2004, p.1)

Entretanto a beleza na Grécia não era vista apenas por uma ótica, alguns filósofos gregos desenvolveram concepções sobre a beleza, nas quais esta não estava ligada ao mundo físico e sim as práticas das ações morais, ou seja, ao agir bem de forma ética, justa e de acordo com a justiça.

De acordo Schubert (2009, p.2), é com o filósofo grego Platão (428 -347 a.C) que se desenvolvem os conceitos do mundo das ideias e mundo da sensibilidade. Para ele, o mundo das ideias ou *Psyché* é um conjunto de atividades racionais onde o uso do raciocínio se dá a partir de ideias que têm autonomia independente do corpo e se caracterizam como sendo o oposto deste. Na obra “A República”, Platão desenvolveu uma alegoria intitulada Mito da Caverna, onde expôs o que chamou de teoria dos dois mundos, ou seja, o mundo das ideias (inteligível) e o mundo da sensibilidade (sensível). O mundo sensível ou material, segundo Platão, é totalmente corruptível, não passando de uma simples imitação imperfeita de um mundo ideal, perfeito, imutável, incorruptível. Já o mundo das ideias por ser algo ideal, é explicitado pela teoria da reminiscência, onde, nesta vida, somente é possível um conhecimento por intermédio do raciocínio, ou seja, da lembrança.

Platão entende que estes dois mundos têm influência recíproca, mas o que deve prevalecer são os argumentos do mundo das ideias. Assim, o belo se encontra neste mundo perfeito, pois segundo Platão, a ideia de beleza se encontra nas atitudes da pessoa, no seu caráter, em seus comportamentos, sendo considerada realmente bela, a prática das ações justas. Isto sim é considerado beleza ou virtude, ficando as características físicas - por transformarem-se o tempo todo - num plano mais secundário.

Jimenes (1999) apud Schubert (2009) afirmando que para Aristóteles (384-322 a.C.) a *Psyché* manifesta-se no corpo, pois interioridade e exterioridade são inseparáveis. "As ideias não são, portanto, a única realidade; o mundo sensível é igualmente real e o indivíduo é a primeira e a mais alta realidade ou substância." Assim, a matéria é possibilidade, tem potencialidade para que determinada essência se concretize, se realize. Com isso, percebe-se que embora Aristóteles fosse discípulo de Platão, defende uma posição totalmente contrária a

seu mestre. A beleza podendo mostrar-se no mundo sensível.

Para Aristóteles cada membro do corpo tem determinado potencial que recebeu para realizar-se como tal. Isso quer dizer que a essência e aparência não podem ser compreendidas separadamente, mas estão numa relação de integração. É na busca do equilíbrio, entre essência e aparência, que reside o belo. Assim, o cuidado com o corpo e a mente faz de alguém uma pessoa bela ou não. A busca pelo equilíbrio, entre essência e aparência, é indicativa da existência do belo pessoal.

É importante perceber que a história traz aspectos peculiares referentes à visão do corpo desde a Antiguidade, conforme afirmava Ramminger (2000) apud Strey (2004, p.1):

No século V-IV a.C., Sócrates, Platão e Aristóteles, determinaram a oposição entre dois mundos: o material e o ideal, o corpo e a alma, o desejo e o pensamento. No entanto, os antecessores de Sócrates pensavam o indivíduo de forma integrada. Corpo, pensamento e o mundo invisível dos Deuses faziam parte de um só domínio, a *physis-natureza*. Para Silva (2001), o conceito de *physis* está vinculado à representação do cosmos, do universo e de todos os seres e contrasta, naquele período, com o conceito de *techné-tecnica*, como representação de tudo que é criado pelo ser humano, que possui um elemento racional, parte do processo civilizatório.

Dessa forma percebe-se que na antiguidade a beleza voltava-se para o cosmos (universo) e não para o homem. Com a evolução do pensamento grego – filosofia – o homem e todas as suas criações começam a ganhar um destaque especial principalmente no que diz respeito à beleza.

A partir de um breve olhar sobre a ótica do conceito estético desenvolvido por alguns pensadores gregos pode-se perceber que este pensamento também está inserido no imaginário estético social contemporâneo:

Um desdobramento que se evidenciou foi a valorização excessiva da imagem, do visual, ou seja, da aparência em detrimento, consequentemente, do conteúdo, da essência. Ganha destaque a visibilidade e nem sempre a discursividade recebe valorização idêntica. A evidenciação da exterioridade é promovida pelos sistemas midiáticos que incentivam a mercantilização dos bens de consumo. Com isso são incentivadas atitudes que se corporificam em comportamentos individualistas, ocupando, com isso, espaço das idéias de cunho coletivo. (SCHUBERT 2009, p. 6 e 7)

Em pleno século XXI o que se pode perceber é uma crise do pensamento platônico que pregava uma beleza eterna voltada para o próprio sujeito, independente de imposições

sociais que pudessem condicionar qualquer espécie de satisfação. O que ocorre hoje é justamente a exaltação exacerbada da beleza física, beleza esta imposta pela sociedade, totalmente estética, voltada para o corpo, mas que não garante nem a felicidade, nem a virtude, nenhuma garantia de que o sujeito haja consciente de suas atitudes. No entanto, esta beleza nada mais é do que uma necessidade artificializada por um sistema mercadológico que visa atender os interesses capitalistas ao utilizar-se da imagem como veículo de convencimento de que aquilo realmente se faz necessário, forjando por assim dizer, uma falsa felicidade somente alcançada com a supervalorização dos atributos físicos, exaltando o conceito de beleza como se fosse um passaporte para uma aceitação social.

No século XX, o ser humano fica cada vez mais atrelado à técnica e à tecnologia. Deposita sua felicidade na busca do progresso, sendo assim, os corpos precisam trabalhar para concretizar essa verdade. Com a busca da produção, homens e mulheres, tentam adaptar-se como indivíduos ao grupo social, precisando, inúmeras vezes, desistir de sua liberdade de ação e de expressividade. O corpo representado na mídia é um corpo musculoso, sarado, restrito a uma parcela muito pequena da sociedade, limitada principalmente pela condição financeira. Porém é esse corpo que serve de padrão, norma de beleza, modelo e sinônimo de saúde e higiene à grande maioria das mulheres e um campo em ampliação para os homens. (STREY, 2004, p.1)

Para Schubert (2009) existem formas diferenciadas no imaginário da sociedade atual de visualizar o corpo e a mente, pois este evidencia que há uma valorização da imagem em detrimento do conteúdo e da essência promovida pelos sistemas midiáticos que estimulam e valorizam os bens de consumo. Dessa forma passando a estimular o individualismo que acaba preenchendo o espaço coletivo. Essas manifestações de consumo individualista são extremamente relevantes na reflexão educacional, o autor destaca como exemplo o papel que o professor desempenha na contemporaneidade. A valorização da aparência nem sempre vem acompanhada da valorização do conteúdo. As crianças são expostas ao consumo diário televisivo e quando chegam à idade escolar apresentam dificuldades de concentração e introspecção em relação ao conteúdo apresentado. A lógica do consumo torna-se extensivo na relação professor aluno e na prática de ensino, com consequências desastrosas à aprendizagem.

Sarlo (1997) apud Schmidt (2006) afirmar que “quando a administração educativa perde poder e recursos, os grandes ministros da educação são, na verdade, os gerentes e programadores do mercado, cujos valores não impulsionam uma sociedade de cidadãos iguais

e sim redes de consumidores fiéis”. Essa autora ainda destaca a importância da escola estar envolvida nessas reflexões sobre a mídia. Para isso é necessário que as mesmas desenvolvam estratégias que possibilitem reflexões no tocante ao poder de atuação dos meios de comunicação, levando em consideração as linguagens utilizadas, estas que estão presente no cotidiano das pessoas.

Enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo”. (FISCHER, 1999, apud SCHMIDT, 2006, p.3)

Desse modo, percebe-se a importância da escola, sendo esta a encarregada de desenvolver nos alunos a capacidade de analisar o mundo na qual estão inseridos, não deixando que as mídias assumam esse papel, em especial a televisão, pois conforme Schmidt e Schubert estas atual na sua maioria visando atender os interesses capitalistas, tornando as pessoas alienadas e individualistas, nesse sentido cabe a escola instruir os alunos de forma que estes passem a valorizar o ser e não o ter.

### **3.5 HISTORICIZANDO OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

Para se falar nas primeiras formas de comunicação humana é necessário se reportar as comunidades primitivas, ou seja, a origem da humanidade, esta que também caracteriza a primeira forma de organização social, organização essa que se baseava numa economia de subsistência, na qual a caça, a pesca e a colheita de frutos e raízes eram atividades que permitiam a existência humana. Desse modo, compreende-se que os homens que viveram nesse período enfrentavam diariamente uma busca por alimentos, ou seja, o principal objetivo que movia essa comunidades era a luta constante pela sobrevivência. Sabe-se que a linguagem seja ela oral, escrita, gestual, audiovisual desempenha um papel fundamental nas práticas sociais contemporâneas. A comunicação oral em especial tinha uma função relevante nas comunidades primitivas, sendo praticamente o único meio usado para se comunicar e assegurar que a cultura fosse transmitida para as gerações futuras.

No tocante a sua arquitetura comunicacional, a comunidade primitiva é essencialmente oral. Também devemos lembrar que estes patrimônios culturais são transmitidos oralmente, de geração em geração (tradição oral). Seu volume, por conseguinte, é forçosamente pequeno, já que tem como suporte apenas a memória do grupo, ela mesma inscrita na memória psicológica de cada membro da comunidade. Daí a razão de que a transmissão da cultura esteja ligada a rituais mágico-religiosos, como um facilitador de memorização, expediente conhecido sob o nome genérico de ajuda-memória (cantos, poemas, marcas corporais, como cicatrizes e tatuagens, e outros dispositivos auxiliares da memorização). (MARTINO, 2006, p.3)

Desse modo, fica notório que a comunicação oral era fundamental para assegurar a comunicação e a perpetuação dos valores culturais dos homens que viveram nas comunidades primitivas. Porém essa situação sofreu alteração na medida em que: os homens passaram a desenvolver a agricultura, com o aparecimento das cidades e com a utilização da escrita, como bem evidencia Martino (2006, p.4):

Esta forma de organização social está ligada à passagem do Mito para o Logos, ou seja, ao aparecimento da racionalidade que irá caracterizar nossa civilização. Três fatores fortemente associados concorrem para sua formação: o aparecimento da agricultura, que permitira as sociedades sedentárias (significativo aumento da produção de alimentos); a concentração urbana e o conseqüente aparecimento da escrita, como instrumento imprescindível para a administração do Estado. Então a agricultura gera condições que liberam o aparecimento da cidade, que por sua vez desenvolve o Estado, que enfim, engendra a escrita como um instrumento de administração das riquezas trazidas pela agricultura e organização político-social da cidade.

Verifica-se que surge uma nova organização da cultura, esta que agora se organiza através da divisão de classes, tendo como um dos principais diferenciais a escrita que era de domínio exclusivo da nobreza e do clero.

Esta atua de forma decisiva na transmissão da cultura, agora oferecendo uma outra via, além daquela da tradição oral, pois o livro vai pouco a pouco formar e transmitir um patrimônio cultural de natureza e conteúdo diferenciado. O livro exterioriza a memória, tirando-a do registro psicológico para torná-la objetiva, material. Isto faz com que o patrimônio cultural possa aumentar consideravelmente de volume, mas também acabe por fixar e estabilizar seu conteúdo. A escrita reflete a divisão de classes. Enquanto que os mais pobres (servos, escravos, artesões...) têm acesso apenas às informações provenientes da tradição oral, a classe dominante conta com uma cultura letrada. O advento da escrita, então, consolida a divisão de classes sociais, transpondo-a para a cultura, que agora encontra formas diferentes de transmissão: a escrita, para a classe dominante e a tradição oral para a classe dominada.(MARTINO, 2006, p.5)

Nesse sentido, compreende-se que a sedentarização humana só foi possível com o desenvolvimento da agricultura, esse acontecimento foi o que levou as sociedades a se organizarem em classes, ou seja, a partir desse momento começava a existir uma hierarquização. O aparecimento e a utilização da escrita vieram a consolidar essa divisão, pois quem a utilizava era as pessoas que estavam no topo da pirâmide social, como exemplo pode-se mencionar a elaboração das leis, estas que eram feitas de acordo com os interesses dos seus criadores.

Dessa forma verifica-se que foi fundamental a utilização da escrita. Faz-se necessário frisar a importância da mesma na consolidação da organização social daquela época. Essa divisão parece ser atemporal, se for levado em consideração a forma como está organizada a sociedade atualmente. Ocasionalmente uma divisão de classes, sendo esta possibilitada pelo domínio das tecnologias que são usadas pelos grupos dominantes para a manutenção da ordem estabelecida.

No século XVIII o mundo passou por transformações significativas que implicaram diretamente na organização da sociedade atual, tendo como maior exemplo a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, esta que causou profundas alterações na forma como se transmite e adquire o conhecimento. Machado (2000) apud Vidigueira (2007 p.22) destaca que:

“Ao longo da modernidade adquiriram grande importância o valor do conhecimento visual e a relação que o mesmo cria com o mundo”. Este tipo de conhecimento transformou-se numa das principais formas, agora assimilada pelo conjunto de expressões informativas, que denominamos como "mediáticas", através da qual reunimos e classificamos as nossas referências.

Com o advento da Revolução Industrial ocorreram várias mudanças, a fotografia, por exemplo, foi a descoberta mais revolucionária que já houve na moderna história da humanidade. De acordo com Marcondes Filho “ela decretou o fim da pintura representativa (que haviam sobrevivido pelo menos cinco mil anos). Após a descoberta desse processo não tinha mais sentido pintar retratos, pois a reprodução fotográfica era infinitamente superior em relação à fidedignidade”. (1988, p.13)

A invenção da fotografia provocou uma verdadeira transformação nos meios de comunicação, a partir dela as imagens se multiplicaram. A produção cultural que antes se restringia aos membros das elites passaram a ganhar popularidade através do uso das imagens. De acordo ainda com os estudos Marcondes de Filho “a descoberta da fotografia faz parte de



uma transformação mundial da cultura e da comunicação, que se refletiu também na imprensa (...) a revolução da fotografia iria mais longe, dela nasceu o filme, e deste surgiram as formas modernas de televisão e vídeo”. (1989, p.14)

A respeito do surgimento do cinema Marcondes Filho diz que em 1895, 64 anos após a descoberta da fotografia nasceu o primeiro e revolucionário derivado dela- o filme- e depois dele o cinema. O cinema que trouxe pela primeira vez na história a ilusão do movimento, a possibilidade de se representar a vida sem necessidade da presença das pessoas, fato que revolucionou a época.

O cinema é um derivado da fotografia e foi através dele que os seres humanos puderam pela primeira vez visualizar uma representação de imagens em movimento. As análises feitas por Feldman (1984) apud Moreira (2003, p 1222) busca mostrar os mecanismos usados pelo o cinema para conseguir despertar a atenção dos receptores.

O cinema, por exemplo, é desde o início uma mistura fascinante de espetáculo, indústria, negócio, técnica, arte e inclusive magia. O cinema é a imagem em movimento. A fotografia reflete a realidade o cinema dá vida a essas imagens, as anima. O cinema cria no espectador uma ilusão de realidade, mas, na verdade, essa realidade está desfigurada pela técnica narrativa, pelos ângulos de câmera, pela forma com que se filma uma cena, pela montagem etc.

Os mecanismos usados pelo cinema e posteriormente pela televisão têm grande relevância, se for levado em consideração o fato de que eles passam a influenciar na percepção da realidade, como explica Moreira (2003, p.1222) “vai se formando no contexto da cultura midiática uma percepção da realidade altamente fragmentada, efêmera e impessoal, imersa no ambiente cultural da propaganda e do marketing. Os construtos simbólicos agenciados pelo sistema midiático-cultural e seu aparato tecnológico são persuasivos e atuam a longo prazo.”

Tudo o que se refere profundamente à imagem do homem, à sua presença perante os demais, tem necessariamente consequências psicológicas, filosóficas e morais. Certamente o virtual, como invenção humana que recria o humano e a própria realidade, também abrirá possibilidades novas e positivas em diversas áreas, inclusive nas práticas pedagógicas. Para Quéau o desafio será nos convencermos disto o tempo, de forma que não se permita que apenas a lógica dos negociantes e dos técnicos de computação decida acerca da utilização de nossa imagem e de nossa memória. (QUÉAU 1995 apud MOREIRA 2003 p. 1224)

A sociedade do início do século XX pode acompanhar o surgimento de inovações

tecnológicas, estas passaram a exercer fortes influencias no modo de vida das pessoas. O rádio teve um papel fundamental, pois passou a encurtar as distancias, oferecendo informações e entretenimento. Este foi também utilizado para a divulgação de ideologias. Em 1920 o rádio chegou ao Brasil e gradativamente foi ocupando seu espaço, e na mesma medida também aumentava o seu poder de influencia sobre as pessoas. Tanto é que o então presidente da republica Getúlio Vargas na década de 30 passou a usá-lo como ferramenta de divulgação da ideologia do Estado Novo. Dessa forma percebe-se a importância que o rádio tinha na sociedade brasileira.

O desenvolvimento desta reflexão procura mostrar como o rádio exerceu forte influência na vida das pessoas, sendo capaz de criar modas, inovar estilos e inventar práticas cotidianas. Os diversos programas, como as radionovelas, programas de auditório, humorísticos, de variedades, de calouros e outros, fizeram tanto sucesso que marcaram profundamente a vida das pessoas, transformando-se em parte integrante do cotidiano. Além da divulgação de manifestações artísticas, mantinha as pessoas informadas e integradas, superando os limites físicos. O rádio trazia o mundo para dentro de casa. (Meneguel, 2008, p.25)

Nesse sentido, evidenciam-se os mecanismos usados pelo rádio para despertar o interesse dos ouvintes e como ele passou a ser parte integrante do cotidiano das pessoas. Essa mesma lógica foi adotada pela televisão que após o seu surgimento passou a ser o meio de comunicação mais popular no Brasil.

### 3.6 A TELEVISÃO

Para se discutir a importância da televisão e das implicações que esta traz para o campo educacional faz-se necessário algumas problematizações referente a esse veículo tão presente no cotidiano das pessoas. Nesse sentido tem-se que levar em consideração que a televisão é um dos meios de comunicação de massa que mais influencia na vida das pessoas, instituindo modelos em todos os aspectos dos campos sociais.

Alguns autores como Pedrinho Guareschi (2005) apud Silva (2010) defende a ideia de que a televisão atua como sendo uma agente das ideologias dominantes, já Pereira (1999) apud Vidigueira (2007, p.5) defende que “existem diversos modos de ver televisão, formas diferenciadas de mediação e de situações específicas que tendem a favorecer um maior ou menor consumo, admitindo igualmente que este pode ser influenciado pela posição socioeconômica da família, pela zona da residência, estilo educativos parentais, idades e

sexo.”

Fischer (2005) diz que a televisão desempenha um papel importante no que se refere às opções de lazer, pois é o meio mais viável, levando em consideração os baixos custos e grande variedade da programação que inclui filmes, shows, desenhos, programas esportivos, programas humorísticos. Fischer (2005) usou como suporte teórico a análise dos dados do Instituto de Cidadania “Perfil da Juventude brasileira”, de 2003, sendo que neste ela constatou que os desejos não realizados de jovens brasileiros entre 15 a 24 anos, quanto a lazer e entretenimento, tem como motivo principal as dificuldades financeiras, pois estes não tem dinheiro para frequentarem cinema, teatros, entre outros.

De acordo Schmidt (2006, p.6), as crianças brasileiras passam uma média de cinco horas diárias na frente da televisão, ou seja, mais tempo que permanecem dentro da escola diariamente. Além disso, começam a ver televisão antes mesmo de começar a frequentar a escola, chegando à idade escolar impregnadas pela “cultura midiática”

De acordo com Frei Beto (2003) o interesse econômico é o que marca a origem das cidades no ocidente, tais como conhecemos hoje. Nessa perspectiva o que interessa não é qualidade de vida dos indivíduos mais sim um planejamento que visa atender os interesses econômicos dos cidadãos. Segundo ainda este autor o mesmo acontece com os meios de comunicação, estes que se fazem presentes na vida da grande maioria da população, sendo o principal meio de divulgação a televisão, que através do seu poder de sedução emitido pelas imagens e mensagens televisuais consegue atingir todas as camadas sociais. Este fato pode ser comprovado pelos números do IBGE (2000), na qual se verifica que 86% dos lares brasileiros têm televisor e de acordo com os dados da UNICEF (2002), nota-se que no Brasil os adolescentes passam, em média, 4 horas por dia em sala de aula e 3 horas e 55 minutos diante da televisão.

Silva (2010) afirma que o hábito de ver televisão faz parte da cultura atual. Sendo que na maioria dos lares brasileiros, esteja no ponto mais distante do mapa, a televisão está presente entretendo e distraindo as pessoas, e por ser um meio tão atraente e popular acaba interferindo no modo como os cidadãos pensam, agem e até mesmo a maneira de se relacionar com o mundo.

Ainda de acordo com os estudos de Baccega (2000) apud Silva (2010), percebe-se que a televisão, com meio século de presença na sociedade, compartilha com a escola e família o processo educacional, tornando-se um importante agente de formação. Segundo ainda a autora ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição à televisão costuma ser maior do

que o destinado à escola ou a convivência com os pais.

Existem outras considerações referentes à televisão:

A televisão pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades, constituindo um importante elemento de abertura, de democratização, de promoção formativa e cultural. Desde o aparecimento da televisão têm-se assistido a uma profunda alteração do perfil sociológico e cultural das populações, sobretudo das mais carenciadas que de outra forma veriam o acesso à informação restringido. Mesmo em programas sem objetivos culturais, a televisão proporciona à maioria da população informações sobre outros povos, outros modos de vida, outras realidades, etc. Vidigueira (2006, p.21 e 22)

A partir dessa breve análise sobre a televisão pode se constatar que ela é parte integrante da cultura, fato esse talvez explicado pelo seu grande poder de alcance e dos mecanismos utilizado para atrair as pessoas. É válido destacar que a televisão traz no seu discurso uma ideologia que tende a favorecer as classes dominantes, porém se esta fosse utilizada com outros fins acredita-se que a realidade brasileira fosse diferente, para isso levando-se em consideração a eficiência com a qual esse veículo consegue influenciar as pessoas.

### 3.6.1 A origem e a função da televisão

Silva (2010) diz que o aparecimento da televisão não é tão novo como parece. A história da televisão é fruto de pesquisas e trabalho conjunto de cientistas, físicos e matemáticos que acreditavam ser possível fazer transmissões também em imagens a distancia. Surgindo antes da segunda guerra mundial. Ao surgir a televisão no Brasil em 1950, sem muita repercussão no início, passando por várias etapas com o progresso espantoso a partir da década de 1970, Com o aparecimento do vídeo teipe (técnica que permite gravar programas de TV).

Ainda segundo Silva (2010), em 1972 inaugura-se a televisão a cores. Mas, com o surgimento do controle remoto ocorre uma grande revolução, pois ele oferece conforto aos telespectadores na medida em passa a facilitar a escolha da programação, causando desconforto nos anunciantes, pois se a programação não estivessem agradando era só apertar o controle remoto. A partir daí as grades de programações irão atender a demanda dos anunciantes não havendo preocupação com a qualidade da programação.

“A televisão brasileira é uma concessão pública: o Estado deveria, em nome da sociedade e como provedor não só do nosso bem estar, mas também do nosso conhecimento

cultural e espiritual, exigir das emissoras parâmetros educativos” (FREI BETO, 2003, p 48).

Nesse sentido, pode-se questionar: de quem é a responsabilidade do baixo nível de programação? Se as emissoras de TV tem dono? De acordo com Revista Ofício do Professor (2002, p.22 e 23) a Constituição brasileira em seu artigo (220) esclarecendo tanto o direito a liberdade de informação quanto a proibição a qualquer tipo de censura “ de natureza política, ideologia e artística. Nesse artigo o parágrafo 3 que diz:

I - Compete a Lei Federal: “regular a diversões e espetáculos públicos cabendo ao poder público sobre a natureza deles, as faixas etárias a que se recomendam, locais e horários em que sua apresentação se mostre e inadequada”;

II - Estabelecer os meios legais que garantam a pessoa e a família a possibilidade de se defenderem de programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no artigo 221”

Esse artigo por seu turno fixa o seguinte:

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderam os seguintes princípios: I- Preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais informativas;

II - Promoção nacional e regional;

III- Regionalização da produção cultural, artística e jornalística;

IV- Respeito aos valores éticos e sociais da família.

Não é necessário ser da área jurídica para perceber que esses dispositivos não são cumpridos. Levando em consideração que a televisão muitas vezes não retrata a realidade e sim recria através de simbologias um mundo inventado, este construído por outras pessoas. Dessa forma, percebe-se que a televisão atua quase sempre de maneira informativa e não comunicacional. Sendo que o seu poder de atração é muito eficaz, pois envolve todas as camadas sociais, inclusive crianças e jovens gerando uma divisão entre as opiniões e as informações, divisão esta que na prática torna-se uma tarefa complicada porque o que diferencia uma coisa da outra se encontra no campo da subjetividade. Nesse sentido, Silva (2010) usa como exemplo o merchandising de uma propaganda sutil de um produto. Sem que o espectador perceba claramente, a mensagem vinculada nas programações televisivas. Perceber o interesse dos autores também é fundamental, mas é impossível, por exemplo, que um fabricante de produtos de beleza traga dados imparciais sobre seus produtos.

Como já mencionado a televisão em varias situações camufla a realidade quando simplifica a estereótipos. Estes que apresentam uma realidade falsa na medida em que a simplificam ou apresenta-a de forma distorcida, tendo como referencias posicionamentos culturais que quase sempre são oriundos de uma rede de interesses explícitos ou implícitos.

Um exemplo claro diz respeito ao eixo sul/nordeste. Onde o espaço da televisão é bem reduzido para os pontos positivos do nordeste, pois muitas vezes as imagens construída e divulgadas amplamente a cerca dos nordestinos é de um povo sofredor, pobre, analfabeto e submisso. Dessa forma, causando um efeito não comunicacional porque os próprios nordestinos ao assistirem programas onde são estereotipados, acabam não estabelecendo com eles uma forma de descobertas dos aspectos que não foram abordados nos programas. Muitas pessoas (nordestinos) acreditam nas mensagens perpassadas e acabam sendo preconceituosas com seus concidadãos.

De acordo Penteadó (2010, p 92) no artigo pesquisa- ensino: comunicação, significação e mídias:

É no “analfabetismo midiático”, que reside o grande problema: a curto prazo, a indução a ações aparentemente singelas, às quais os receptores ficam expostos e administrados, a longo prazo a sementeira de cidadãos nada exigentes, que engole goela abaixo o que lhes aparece pela frente. Em outras palavras: a longo prazo, a formação de cidadãos dóceis e acomodados, incapazes de uma demanda exigente, reivindicadora de TV de qualidade para todos.

Com o aparecimento da televisão foi estabelecida uma nova relação, agora as pessoas passariam a ver a distância, fato esse que proporcionaria, aparentemente, grande progresso na comunicação. Atualmente a televisão pode ser encontrada: no moderno celular, no computador, em restaurantes, ônibus, aviões, no meio da floresta, na sala do jantar, na escola, no prédio, transmitindo uma mesma mensagem niveladora, nesse sentido a televisão condiciona as pessoas a verem o mundo através do que ela vincula.

Nessa perspectiva o papel desempenhado pela televisão quase sempre é de alienação, esta atua visando interesses econômicos. Dessa forma entende-se que a televisão não se preocupa, na maioria das vezes, em produzir uma programação de qualidade, mais algo que atenda as exigências de mercado. Isso leva algumas indagações, como por exemplo, a culpa de tal estado de coisas é da TV em si, ou dos que produzem programas de qualidade duvidosa, que acabam atingindo principalmente as classes menos favorecidas economicamente? De acordo com Pereira (1999) apud Vidigueira (2006, p. 47)

Importa é saber como esse comércio de sentidos está chegando às pessoas, que tipo de produtos estão sendo ofertados, como os diferentes grupos vivenciam essa realidade proposta nos artefatos culturais, como se posicionam diante dela, e a que papel a escola estaria sendo convocada, quando, por exemplo, seus alunos referem que podem ficar até seis horas diárias diante da TV(...) A análise dos produtos televisivos tem mostrado que, neles, valorizar a vida privada não só corresponde à exacerbação do individualismo como expõe a grande divisão e até oposição entre a esfera privada, de um lado, e as esferas social e política, de outro.

Nessa perspectiva a televisão quase sempre é usada com fins econômicos e como instrumento para manutenção da ordem vigente estabelecida, pois como se sabe no Brasil o Estado não promove na íntegra o acesso a cidadania, ou seja, o direito a educação de qualidade, a saúde, alimentação entre outros. Dada a influência que os meios de comunicação tem nesse país, seria fundamental que estes atuassem visando a busca pelo direito a cidadania igualitária e para tanto seria necessário a utilização de uma linguagem educativa que incentivassem a população a desenvolver uma visão crítica da realidade na qual estão inseridos, porém o que verifica-se é que estes na sua maioria atuam visando atender os seus interesses.

(...) o que parece estar em questão é o imediatismo do espetáculo e no máximo a satisfação individual, mais que uma política do comum, ampla, constituinte e democratizante. A ideia de uma cidadania pela mídia – com prestação de serviços, informações de interesse coletivo, formação de “redes” de auxílio material, psicológico, emocional etc. – por enquanto é a face de um incipiente populismo de mercado, mas que guarda uma potência de transformação. (BENTES, 2003 apud PEREIRA, 2007, p.46)

Divergindo do discurso do autoritarismo que transforma a mídia de inimiga à aliada nos processos educativos que ainda constitui-se num desafio para a sociedade a autora Mastella da Silva (2010, p. 5) ressalta que:

As propostas da mídia, especialmente a televisiva, tendem a ser mais aceitas, na maioria dos casos, que as propostas da escola. Na escola em geral, o educando recebe modelos de atuação social do professor e de livros didáticos, enquanto na televisão recebe vários modelos, diferentes, inclusive contrapostos. Se estes modelos oferecidos pela mídia são os mais adequados aos anseios da sociedade, é o que precisa ser, continuamente, analisado, para que as outras instituições melhorem suas interferências sociabilizadoras e educativas, a partir do que entendem ser o melhor para as novas gerações.

### 3.7 A EDUCAÇÃO E AS NOVAS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS

Inicia-se essa discussão demarcando o lugar teórico da educação que de acordo com os estudos de Libânio (1998, p.22) “a educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos e na relação ativa com o meio natural e social num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais”.

A Educação tem sido apontada tanto como vilã, quanto como salvadora, quando o assunto é o progresso do país. Nela está contabilizada a responsabilidade da preparação do futuro trabalhador, da conquista da cidadania, da falta de desenvolvimento tecnológico. Tanto

os avanços, quanto as dificuldades são colocados sobre os ombros da eficiência ou ineficiência de um projeto educacional. Schmidt (2006,p. 3)

Libânio (1991, p. 33) ressalta ainda que a educação:

Ao realizar suas tarefas básicas, a escola e os professores estão cumprindo responsabilidades sociais e políticas. Com efeito, ao possibilitar aos alunos o domínio dos conhecimentos culturais e científicos, a educação escolar socializa o saber sistematizado e desenvolve capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania. Dessa forma, efetiva a sua contribuição para a democratização social e política da sociedade.

Desse modo, percebe-se a importância que é atribuída a educação, porém na conjuntura atual da sociedade as tecnologias vêm ocupando cada vez mais esse espaço, em particular a televisão vem assumindo um papel de “educadora não formal”. Nesses termos, pressupõe-se que os educadores podem aprender e utilizar o que já existe de qualidade na programação televisiva, levando em consideração que a educação é entendida como fenômeno histórico-social. Nesse sentido, entende-se que a existência humana se realiza através das relações feitas entre as pessoas e os demais componentes do mundo natural, seja ele no campo social, tecnológico, físico e religioso, sendo este construído ao longo do percurso histórico da humanidade. Bacegga (2000) apud Almeida (2006, p.3) sugere que:

Ao discorrer sobre a constituição da escola numa base de linguagem escrita em detrimento das novas linguagens produzidas nos meios eletrônicos de informação, faz eco à abordagem mcluhaniana e reforça a tese de que a escola, ao negar o papel desses meios como coadjuvantes na construção de saberes, criando uma resistência à entrada dessas novas linguagens no seu âmbito, só tem se distanciado das oportunidades e possibilidades de gerar novos conhecimentos. Ao afirmar que a instituição escolar vive um desajuste, um descompasso temporal com a realidade posta, negando-se a “um repensar incômodo, porém necessário”

De acordo com os estudos de Weiss (2011 p.1), “a televisão apresenta eficácia de comunicação em função de sua capacidade de superposição e de combinação diferentes (imagens, falas, músicas e a escola ainda está muito focada apenas na linguagem escrita, que data de cinco mil anos a.C.”

Lazar (1998, p. 93) afirma “que devemos admitir que a TV é mais rápida, espetacular e atraente ao contrário da escola, que é restritiva, algumas vezes entediante pouco suportável para uma criança de hoje”.

A constatação de um ensino abrangente leva a indagação sobre os critérios de seleção

de conteúdos significativos para os alunos que vivenciam com intensidade, o presente marcado pelos ritmos acelerados das tecnologias. Uma tarefa complexa que envolve o cotidiano dos professores ao enfrentarem as desigualdades de uma sociedade ambigualmente moderna e arcaica. Surgindo assim uma dicotomia ou tensão entre o propósito educativo e o conteúdo predominante na televisão brasileira.

Para se discutir essa complexa relação entre a televisão e a educação tem-se que levar em consideração alguns aspectos:

Pereira afirma que as crianças passam muito tempo a ver televisão, sendo que esta atividade fomenta atitudes e comportamentos de passividade, tira tempo às crianças para a realização de outras atividades, nomeadamente para a leitura e para a realização das tarefas escolares e prejudicando o sucesso escolar (...)  
(PEREIRA 1999 apud VIDIGUEIRA, 2007, p.27)

O nível sociocultural da família – estudos realizados em vários países permitem concluir que a duração do tempo de consumo relaciona-se diretamente com o meio sociocultural. Mariet (1989) considera que para as crianças de classes baixas a televisão é uma verdadeira babby-sitter, enquanto que as crianças de classes altas têm outras oportunidades, nomeadamente: atividades musicais, desportos, leitura, passeios, etc. (MARIET 1989 apud VIDIGUEIRA 2007, p.28)

Assim situado e conhecendo preliminarmente algumas problemáticas da prática educativa, faz-se necessário pensar em estratégias para desenvolver práticas educacionais satisfatórias.

### **3.8 PERCEPTIVAS SOBRE A RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO COM AS MÍDIAS**

Muitos estudiosos discutem as problemáticas relacionadas ao campo da educação, em especial alguns fazem apontamentos para o desenvolvimento de uma prática educacional que visa um caminho para o desenvolvimento de metodologias de ensino que dialoguem com a nova realidade na qual o mundo está vivenciando, sobretudo as relações com as tecnologias. Nesse sentido, Vygotsky (2001) apud Fonseca (2009, p.23) faz algumas considerações:

Seguindo tal linha de pensamento, Vygotsky (2001) critica o velho paradigma pedagógico da transmissão de conhecimento e propõe sua substituição por um novo que visa à corresponsabilidade do aluno em relação a seu próprio processo educacional, tornando-o capaz de, com a ajuda do outro, buscar, utilizar e transformar seus próprios conhecimentos. Isto seria, na visão vigotskiana, a educação que levaria ao desenvolvimento. Neste novo processo, o professor passaria de mero transmissor de conteúdos a um mediador das práticas exercidas no meio social, como, por exemplo, aquelas sinalizadas pela mídia (cf. Vygotsky,

2001). Por outro lado, não coloca apenas no ombro do professor ou do aluno a responsabilidade pela transformação de conceitos como enfocado por alguns seguidores da visão da teoria tradicional e piagetiana. Podemos inferir desta afirmação, que o ser humano é tido como co-participante, colaborador e mediador.

Patrícia Vasconcellos (2000) complementa dizendo a função do professor não é transmitir informações acumuladas para os alunos que as recebem e as acumulam passivamente. O papel do professor é o de “provocador”, motivador, estimulador, facilitador, mediador, para que cada aluno descubra e desenvolva seu potencial, racional, emocional e social.

Feitas as colocações, entende-se que cabe aos professores estimular os alunos a fazer uma leitura crítica sobre as mensagens vinculadas nos meios de comunicação, dessa forma levando-os a reflexão. De acordo com Penteado (2010, p. 90) “Problematizando quando for o caso, implementando o exercício da significação de provocar relações entre o visto e o oculto.” Nesse sentido, cabe a escola desempenhar esse papel, sendo que na atualidade essa instância do saber e da formação humana agora divide espaço com as mídias, em especial a televisiva que como já foi discutido até aqui tem grande influência sobre as pessoas.

Para que a escola não perca esse espaço que ela vem dividindo com as mídias se faz necessário desenvolver algumas estratégias, como por exemplo, o estudo do currículo que é um dos aspectos bastante discutidos na atualidade, e um dos seus pontos está relacionado ao planejamento das atividades em sala de aula. Tais planejamentos referem-se desde o debate multicultural aos planejamentos anuais e diários. Com relação a este último aspecto Coraza (1997) defende no seu texto: “O planejamento de ensino como estratégia de política cultural” um lugar privilegiado para o planejamento vendo-o como uma estratégia fundamental para o professor (a), defende a ideia de uma pedagogia como uma prática de política cultural, isto é uma forma de intervir na sociedade implicada nas lutas de classe e outras lutas, como as de raça, gênero, diferenças sexuais, entre outros discursos. Porém a autora defende a pedagogia que prima pela problematização.

História esta produzida numa perspectiva de prática radical e, portanto, configurada no grande das pedagogias de oposição, as quais se auto representa como formas de produção cultural, implicadas em disputas por saberes, significados, identidades, narrativas, experiências, formas de subjetivação. Em suma, pedagogias cuja prática discursiva constitui, em seu próprio fazer, um espaço de contestação e de lutas culturais. (CORAZA, 1997, p. 104)

É neste contexto que surgem alguns dilemas apontados por Sandra Mara Coraza (1997) como, por exemplo, ir para escola e exercer uma pedagogia entendida como forma política e cultural sem planejar nossas ações? O planejar para essa pesquisadora pode também estabelecer outras formas de intervenção que quebrem com hegemonia pedagógica elaboradas pelos discursos oficiais.

Planejar, porque o plano de ensino também constitui a textualidade de uma forma contra-hegemônica de pedagogia, por meio da qual selecionamos e organizamos objetos de estudo, experiências, linguagens, práticas, vozes, relações sociais. (CORAZA, 1997, p. 122)

Baseado nessa discussão de Sandra Mara Coraza (1997) percebe-se a importância do planejamento como uma forma de buscar mecanismos para antagonizar com o currículo oficial e através dessa prática estabelecer novas discussões elaboradas agora partindo de um outro contexto, ou seja, nas diversas formas populares de expressão, fazendo com que surjam novos temas de estudos e através disso a reproblemática e novos questionamentos. Essas discussões a respeito do planejamento possibilitam aos educadores elaborar um plano de aula, levando em consideração outros sujeitos e culturas no plural.

Desse modo, pode-se pensar que uma das melhores formas que a educação tem de lidar com o avanço desenfreado da tecnologia é através da utilização das mesmas, sendo que é necessário que os professores tenham uma formação adequada e planejem suas ações.

Entende-se que o uso dos meios de comunicação na educação possa torná-la mais inclusiva, ampliando as possibilidades de comunicação e expressão dos alunos, especialmente num país com alta taxa de analfabetismo funcional. Não se trata de abandonar o ideal de alfabetização plena de todos os alunos, mas de pressupor que, a partir de linguagens sobre as quais têm maior domínio, os estudantes poderão apresentar menor dificuldade e menos resistência ao aprendizado. (MASTELLA DA SILVA 1999 apud LISBOA 2010, p.2)

Nesse sentido, os educadores têm de procurar usar as tecnologias enquanto ferramentas, para que dessa forma possa se desenvolver efetivamente uma educação de qualidade, pois a educação brasileira atualmente está pautada num modelo tradicional e ultrapassado, motivo pelo qual se explica o baixo rendimento dos índices educacionais do país e falta de senso crítico da população. A Escola Ativa (2009) defende a ideia de que o mundo é sempre mais do que a comunidade local, e que não se reduz apenas ao espaço na qual a escola está inserida. Essa comunidade está inserida em um contexto maior na qual faz parte e pela qual é atingida e transformada. Nesse sentido, basta perceber como as alterações

econômicas ou tecnológicas interferem em cada canto. Sendo que é tarefa da escola dominar as questões que afetam a sociedade. Um exemplo disso são os temas relacionados aos meios de comunicação, pois questões interessam e afetam toda a humanidade e sendo que através delas podem ser gerados varias possibilidades de aprendizagem.

É válido ressaltar que quando os educadores selecionam metodologias de ensino para facilitar a aprendizagem dos alunos escolhendo recursos didáticos e conteúdos que favorecem situações educativas, precisam-se localizar os efeitos favoráveis das escolhas, tendo em vista não apenas à apropriação de conhecimentos, mais também de valores, posturas políticas, modelos de verdades e o este pode representar no âmbito da promoção dos seres humanos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Descrição da Escola

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos conhecida mais popularmente como colégio estadual. Está situada na cidade de Cuité situada na região do Curimataú paraibano. A escola se encontra geograficamente localizada num bairro central, pavimentado e de fácil acesso (Rua 15 de novembro, Bairro centro).

A instituição é mantida pelo Governo do Estado da Paraíba, a qual foi fundada em 09 de outubro de 1970 através da Lei 5.125 sob a gestão do governador João Agripino Filho. As atividades escolares tiveram início em março de 1971, oferecendo a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª series (o que corresponde hoje do 6ª ao 9ª ano do ensino fundamental), funcionando provisoriamente em um prédio escolar do antigo José Américo de Cuité. Posteriormente a escola passa a chamar-se Escola Estadual de 1º e 2º graus de Cuité conforme a LDB 5692/71 a qual regia a instituição de ensino. Somente em 1990 em homenagem ao senhor Orlando Venâncio dos Santos, a escola recebe o nome de Escola Estadual Orlando Venâncio dos Santos. No dia 08 de julho de 1997 a escola integra-se ao projeto CEPES (Centros paraibanos de Educação Solidária), sendo a escola sede englobando as escolas Maria das Neves Lira de Carvalho e Vidal de Negreiros.

A escola é considerada um “pólo” da região, possui no seu quadro discente um contingente de 1213 alunos, sendo a maioria da zona urbana. Com um total de 33 turmas, sendo 16 do ensino fundamental, 14 do ensino médio e 3 do EJA, divididos nos períodos matutino, vespertino e noturno oferecendo à comunidade o Ensino Fundamental ( do 6º ano ao 9º ano) e o Ensino Médio (1º a 3º serie), além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Quanto as instalações físicas a escola possui 12 salas, ventiladas e iluminadas, área de recreação ou pátio, cantina, biblioteca, secretaria, arquivo, 1(um) banheiro masculino e 1(um) banheiro feminino, sala de professores, laboratório de informática, sala de multimídia, laboratório de química (ambos apenas disponíveis sob o acompanhamento de um professor).

A escola conta com um aparato tecnológico, possuindo, televisão, aparelhagem para gravação de vídeo, aparelho de áudio, projetor de slides, televisores, vídeo cassete, aparelho de DVD, sala de informática equipada com 40 computadores destinada aos alunos, sala de informática com 12 computadores exclusivamente para o uso dos professores e uma sala de

multimídia.

No tocante ao critério administrativo, a direção executiva atual encontra-se sobre a administração da Professora Lúcia Lucas, tendo como vices Socorro Souza e Sandra Dantas.

O quadro de funcionários é composto atualmente por 84 servidores públicos, dentre os quais se encontram professores, sendo 20 efetivos e 18 prestadores de serviços. Os demais funcionários estão distribuídos nas seguintes funções: 10 auxiliares de secretária, 01 coordenador do projeto CEPES, 01 coordenador pedagógico, 01 secretário geral, 11 auxiliares de serviço, 03 vigilantes noturno, 03 porteiros, 02 inspetores de alunos, 01 diretor, 02 vice-diretores 01 funcionário do apoio pedagógico.

Os secretários, auxiliares de secretários e coordenadores são responsáveis pelos aspectos burocráticos e pedagógicos da instituição, sendo que os demais funcionários como porteiros, supervisores e auxiliares de serviços gerais ficam distribuídos por turnos para um melhor funcionamento da escola.

No tocante ao Projeto Político Pedagógico (PPP) constitui-se num documento norteador do processo de apropriação do conhecimento desenvolvido junto aos alunos, bem como, adequar e atualizar a sua forma organizacional e estrutural frente as exigências da realidade e legislação, além de ser um instrumento teórico-metodológico, ajuda a Escola a adotar um processo democrático de decisão com a participação dos vários segmentos que a compõem, permitindo assim, identificar o pensamento dos profissionais, de modo que eles reflitam sobre sua atuação proporcionando um retorno de sua prática por meio do acompanhamento da evolução dos seus desafios. O PPP teoricamente é pra ser planejado com toda a comunidade escolar e redefinido constantemente, e sua elaboração tem que atender à lei de Diretrizes e Bases. O PPP da escola pesquisada ainda esta sendo atualizado, sendo afirmado por um dos administradores da escola que a última atualização foi feita no ano de 2005, tendo como um dos principais objetivos o favorecimento a uma formação de indivíduos críticos, criativos e responsáveis, estimulando sua atuação na sociedade, além de visar à formação integral do individuo criando condições e mecanismos que possibilitem a democratização e a socialização do saber como resultante do esforço de garantir o acesso e a permanência à escolarização básica.

## 4.2 A Amostra

A amostra usada neste estudo foi constituída por 36 adolescentes de idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, residentes no município de Cuité PB, alunos do 1 ano do ensino médio.

Na sequência passaremos a apresentar algumas informações relacionadas com caracterização da amostra dos alunos que fizeram parte da pesquisa.

No figura 01 é possível observar a distribuição dos alunos que responderam ao questionário por gênero, sendo que 67% eram do sexo feminino e 33% do sexo masculino.

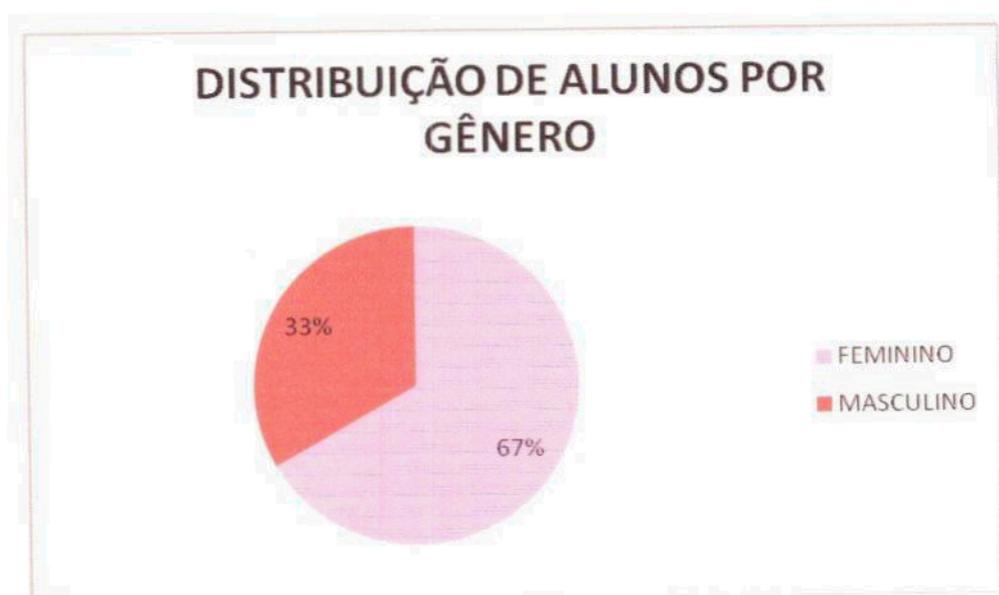


Figura 01: Representação quantitativa de alunos por gênero.

Quanto às idades dos alunos se registrou uma distribuição assimétrica, tal como se pode ver na Figura 02.



Figura 02: Representação quantitativa de alunos em função da idade.

### 4.3 O Questionário

O procedimento inicial antes do contato com os alunos, em relação à aplicação do primeiro questionário foi à apresentação a direção executiva da Escola de uma solicitação por escrito apresentando sumariamente os objetivos da investigação e requerendo a autorização para aplicação dos questionários quanti-qualitativos.

O primeiro questionário foi elaborado para conhecer a realidade socioeconômica do público alvo e as variáveis decorrentes que eventualmente os influenciam, tendo como objetivo maior entender como essa realidade interfere na relação estabelecida com a mídia e a escola. O instrumento foi constituído por 16 questões fechadas, e dados de identificação dos alunos. As questões relacionaram-se com o desempenho escolar e com a realidade socioeconômica dos alunos. Foi preenchido no mês de Julho de 2011 na Escola Orlando Venâncio dos Santos, localizada na cidade de Cuité PB, e por decisão do responsável administrativo escolar, de modo que foi possível escolher a turma na qual o questionário foi aplicado. Durante o preenchimento do questionário, que ocorreu no início das aulas, estiveram presentes os alunos (a), professora da disciplina e o elemento responsável por este estudo.

Foi solicitado aos jovens que respondessem, garantindo-se a confidencialidade da informação obtida. O tempo despendido pelos respondentes foi de cerca de 20 minutos.

O segundo questionário aplicado foi referente a influencia televisiva na educação, este composto por oito questões fechadas e abertas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentam-se os resultados e as discussões considerados significativos para a compreensão da influência da televisão, e porque está consegue despertar um maior interesse nos jovens do que as aulas expositivas. A informação irá ser apresentada em dois tópicos: resultados gerais sobre o questionário socioeconômico, resultados sobre os motivos que levam a linguagem televisiva ser mais atrativa para os alunos do que a linguagem usadas pelos professores nas aulas expositivas. Em suma, procurou-se evidenciar os resultados que se destacaram como mais importantes para o presente estudo.

### 5.1 Questionário Socioeconômico

No tocante a origem da renda familiar, verificou-se um predomínio do trabalho registrado, logo seguido pelo trabalho autônomo e os demais advindos de outras fontes, como aposentadoria e da agricultura (Figura 03).

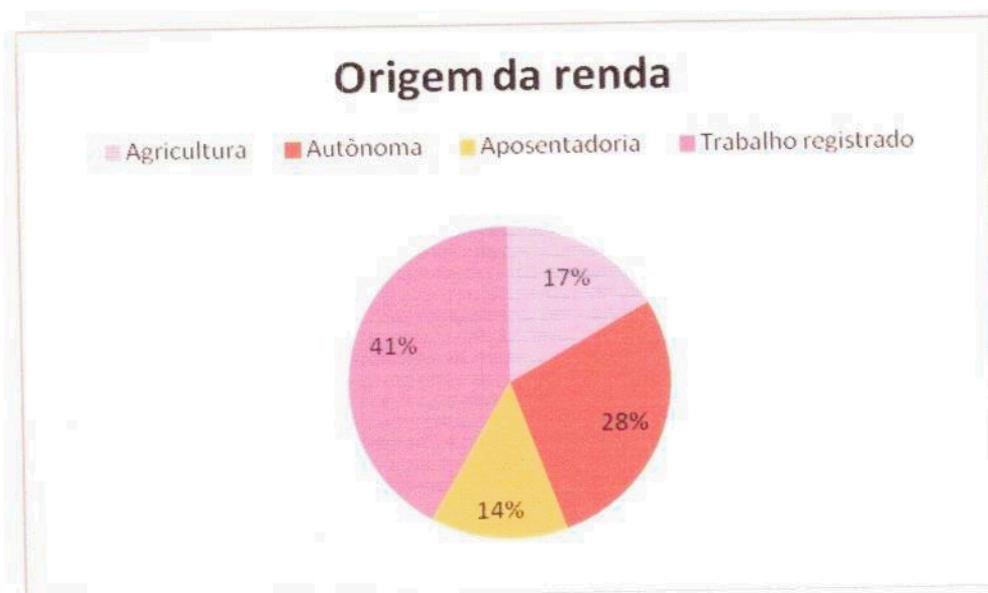


Figura 03: Representação quantitativa de alunos quanto a origem da renda familiar

No que diz respeito à renda familiar percebe-se que maioria das famílias oscila entre menos de um salário, um salário e mais de dois salários mínimos (Figura 04).

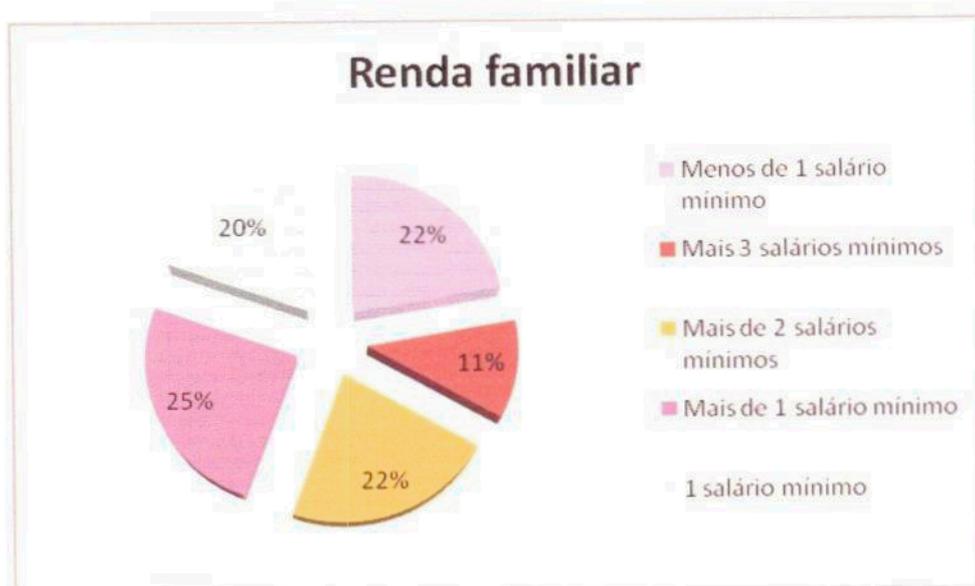


Figura 04: Representação quantitativa de alunos quanto a renda familiar.

Em relação ao número de alunos que exercem alguma atividade remunerada verificou-se o seguinte resultado mostrado na figura 05.



Figura 05: Representação quantitativa do número de alunos que desempenham função remunerada.

Os dados acima descritos revelam que 25% dos alunos afirmaram que a renda familiar é mais de um salário mínimo, 22% com menos de um salário. Sendo que 41% afirmaram que a origem da renda advém do trabalho registrado e 28% tem como fonte de renda o trabalho autônomo. 17% dos alunos exercem alguma função remunerada. Esses resultados indicam que os alunos pertencem a famílias de baixa renda.

Fischer (2005) analisando os dados do Instituto de Cidadania “Perfil da Juventude brasileira”, de 2003, constatou que os desejos não realizados de jovens brasileiros entre 15 a 24 anos, quanto a lazer e entretenimento, têm como motivo, sobretudo devido as dificuldades financeiras, pois estes não tem dinheiro para frequentarem cinema, teatros, entre outros. Dessa forma segundo Fischer (2005) a televisão desempenha um papel importante no que se refere às opções de lazer, pois é o meio mais acessível, levando em consideração os baixos custos e grande variedade da programação que inclui filmes, shows, desenhos, programas esportivos, programas humorísticos. Nesse sentido, concorda-se com a argumentação de Fischer (2005) de que os altos custos e até mesmo as poucas opções de lazer e cultura como no caso da cidade de Cuité, acaba contribuindo ou até mesmo condicionando os alunos a recorrerem a televisão como meio de lazer e entretenimento. Talvez isso também explica a constatação feita por Silva (2010) nas investigações feitas em escolas da rede pública de ensino, nestas a autora constatou que cerca de 86% dos alunos investigados apontam a televisão como o lazer favorito.

Quanto à moradia mais de 81% moram em casas próprias, sendo que os demais ou moram em casas alugadas ou então em casas cedidas por familiares (Figura 06).



Figura 06: Representação quantitativa de alunos referente a moradia.

Em relação à localização da residência verificou-se que 94% moram na zona urbana e apenas 6% na zona rural (Figura 07).



Figura 07: Representação quantitativa de alunos quanto à localização de suas residências.

Em relação a posse de eletrodomésticos na residência dos alunos verificou-se os seguintes resultados apontados na figura 08.

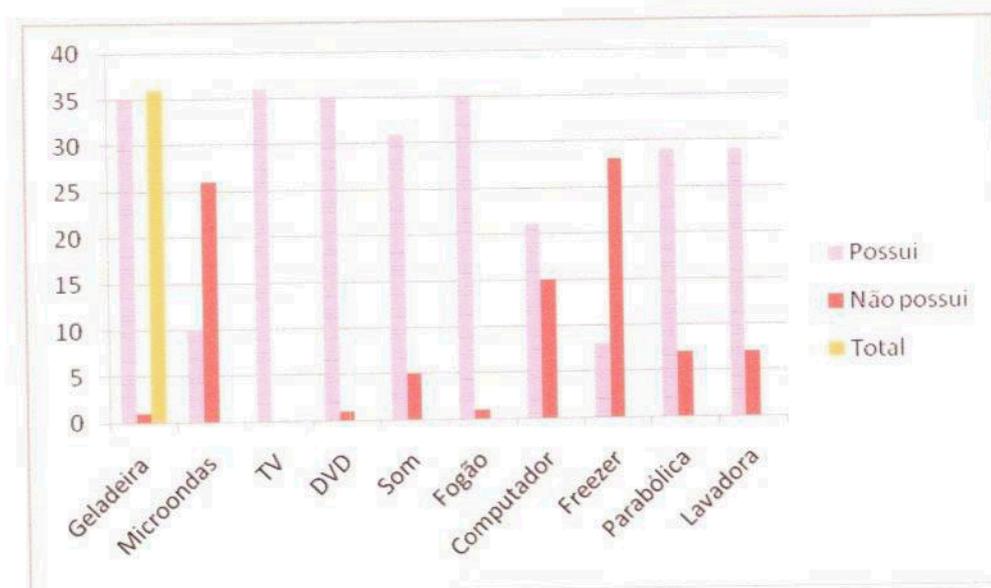


Figura 08: Representação quantitativa de alunos quanto a posse de eletrodomésticos.

O dado mais relevante é quanto à posse dos aparelhos de televisão, 100% dos entrevistados responderam que possuem o eletrodoméstico.

A partir dos resultados encontrados, percebe-se que cerca de 81% dos alunos moram em casas próprias, quanto a localização das residências 94% delas se encontram na zona urbana. Os eletrodomésticos encontrados com maior incidência nas casas foram em primeiro

lugar a televisão, seguidos pela geladeira, fogão, DVD, parabólica, som, lavadora, computador e micro-ondas. Dessa forma foi possível observar que independente de morar em casa própria ou alugada, na zona rural ou zona urbana, todos os alunos possuem uma coisa em comum, a televisão. Essa constatação se apóia na idéia apresentada por Silva (2010) que afirma que o hábito de ver televisão faz parte da cultura atual. Sendo que na maioria dos lares brasileiros, estejam no ponto mais distante do mapa, a televisão esta presente entretendo e distraindo as pessoas, e por ser um meio tão atraente e popular acaba interferindo no modo de pensar e agir e até mesmo de se relacionar com o mundo.

Quando questionados sobre a utilização da internet a maioria dos alunos afirmaram que usam frequentemente (Figura 09).

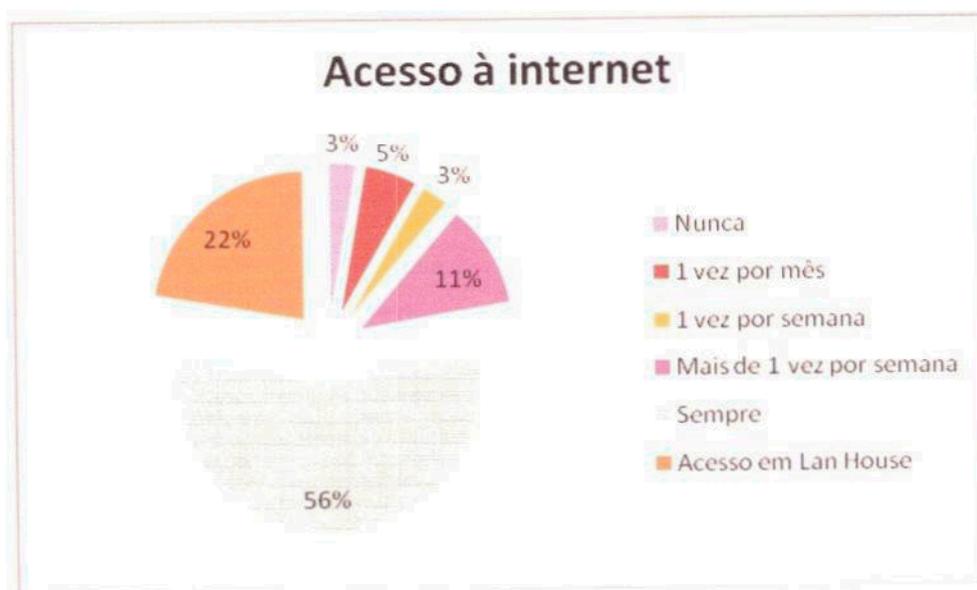


Figura 09: Representação quantitativa de alunos quanto o acesso á internet.

No que se refere ao acesso a internet 56% dos alunos afirmaram que sempre tem contato com essa ferramenta. Apesar da pesquisa não ter se aprofundado nessa questão acredita-se que por se tratar de uma clientela pertencente a camadas sociais de baixo poder aquisitivo o acesso deve acontecer com maior incidência nas Lan house. Embora que independente de onde ele aconteça, este parece não interferir no consumo televisivo dos jovens. Tal indicativo é norteador pelos resultados encontrados na pesquisa desenvolvida por Vidigueira (2007), na qual ela sugere que o acesso a internet não interfere na quantidade de horas que os jovens passam assistindo televisão.

No tocante a visitação a biblioteca apenas 8 alunos afirmaram que frequentam sempre, sendo que a grande maioria dos alunos raramente vai a esse estabelecimento (Fig.10).

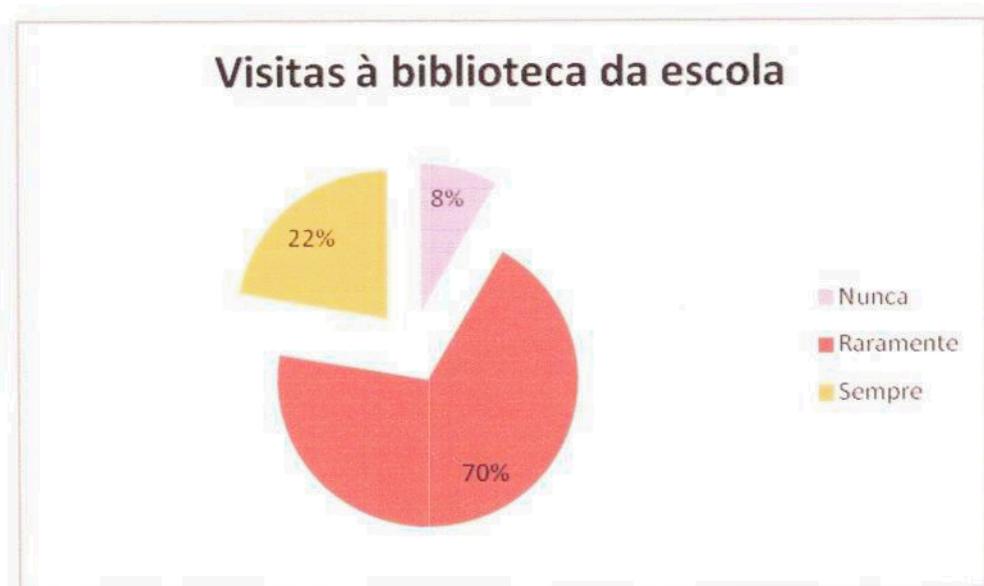


Figura 10: Representação quantitativa de alunos que visitam a biblioteca da escola.

Quanto a frequência dos alunos na biblioteca da escola verificou-se que 70% visitam essa dependência de forma esporádica. Os fatores dessa pouca visita não são precisos, mas acredita-se que seja pela falta de hábito de leitura e dos poucos incentivos dado pelos professores. O programa nacional biblioteca da escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas (2008) apontam nessa direção, pois elencam algumas possibilidades que buscam explicar o resultado encontrado. De acordo ainda com PNBE (2008) existe no Brasil um programa de distribuição de livros, porém as metodologias de ensino não ajudam os alunos a compreenderem o que leem até porque a utilização se prende ao modelo tradicional de ensino, ou seja, pela busca de respostas certas, sendo esta a única interpretação da leitura. Outro motivo alegado diz que apesar de boa parte das escolas brasileiras contarem com um acervo de obras literárias, existe uma cultura escolar autoritária na qual os diretores e professores comungam da ideia de que os alunos estragam os livros, por isso acaba se criando imposições ao acesso dos mesmos.

Quanto à leitura de livros literários e científicos boa parte dos entrevistados disse que já leram quatro ou mais (Figura 11).



Figura 11: Representação quantitativa de alunos referente à leitura de livros literários ou científicos.

Quanto à repetência escolar 15 alunos responderam que nunca haviam reprovado e os demais disseram que já tinha reprovado, sendo que alguns mais de três vezes (Fig. 12)

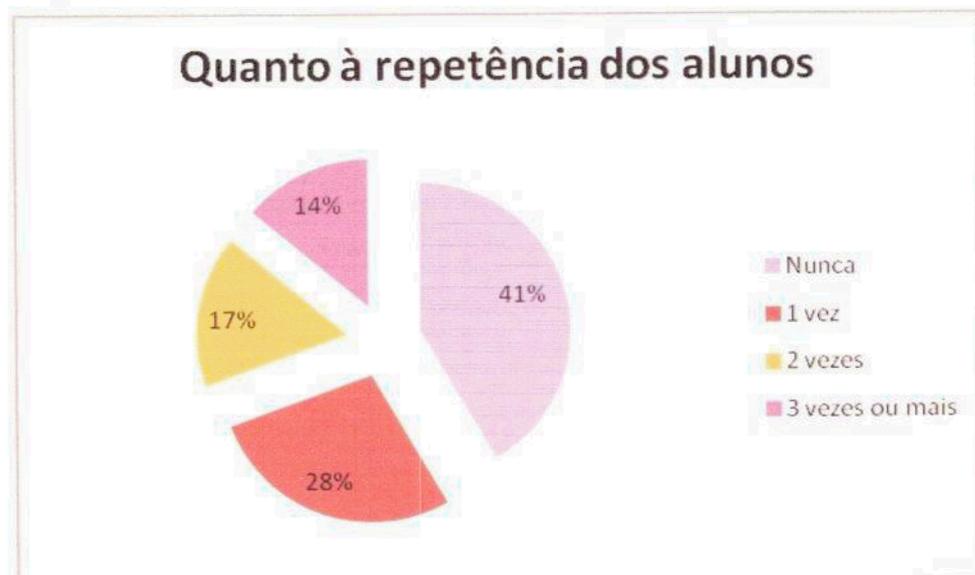


Figura 12: representação quantitativa referente à repetência escolar.

A última pergunta do questionário era pra saber se eles já haviam tirado notas inferiores à média neste ano e novamente 15 responderam que não, os demais afirmaram que sim, porém ocorrem oscilações. Pois alguns tiraram mais de duas e outros mais de três vezes notas inferiores a média da escola (Fig. 13).

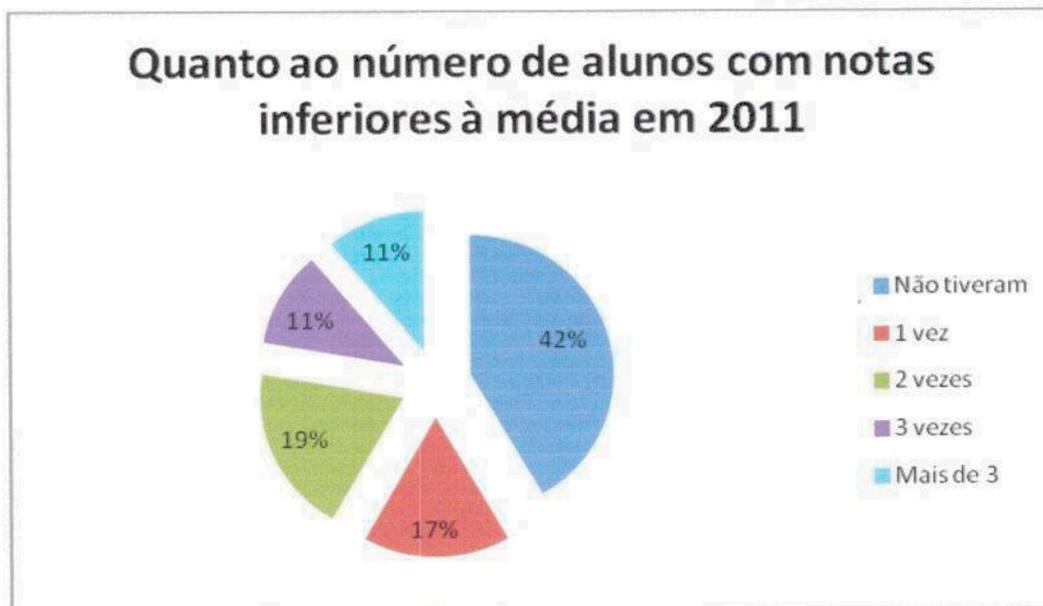


Figura 13: Representação quantitativa referente ao número de alunos com notas inferiores a média em 2011.

Com relação a leitura 53% dos alunos disseram que já leram mais de quatro livros literários ou científicos, acredita-se que esse resultado seja referente a todas as leituras feitas durante a vida desses estudantes. 28% dos alunos já foram reprovados pelo menos uma vez e 58% já tiraram notas inferiores à média no decorrer desse ano. Esses resultados podem ter alguma ligação com o estudo realizado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas (2008), que afirmou que o baixo rendimento escolar acontece principalmente pelas dificuldades de leitura, junto a isso as precárias condições sociais e culturais em que vivem os estudantes no Brasil. Esses estudos mostram que além das dificuldades de leitura, existem outros fatores que também contribuem, como por exemplo: a falta de motivação para os estudos; a dificuldade dos pais para acompanhar as tarefas escolares solicitadas pelos professores, tendo como explicação a formação dos pais que muitas vezes nem se quer conseguiram completar as primeiras séries do ensino fundamental ou então são analfabetos; a falta de hábito de leitura das famílias; a baixa renda familiar que não viabilizam ambientes propícios para o estudo; a falta de acesso a todo tipo de material impresso e de infraestrutura básica, como mesas e estantes. (PNBE, 2008)

Nesse sentido, fica evidente que a educação no Brasil não está conseguindo desempenhar sua função no processo de formação dos estudantes, em contrapartida quem vem assumindo o papel de educadora não formal, sendo os meios de comunicação, e principalmente a televisão que através de uma linguagem mais acessível e dos recursos

audiovisuais despertam o interesse dos alunos e conseqüentemente passam a contribuir com a sua ideologia no processo de formação.

## 5.2 Tempo Destinado Diariamente pelos Alunos ao Consumo Televisivo e para as Atividades Escolares.

Quando se questionou o tempo que os alunos assistiam televisão durante o dia a maioria afirmou que passa mais de 3 horas diariamente (34%), sendo que cerca de 26% afirmam que passam entre 2 a 3 horas e 19% entre 1 a 2 horas (Figura 14).

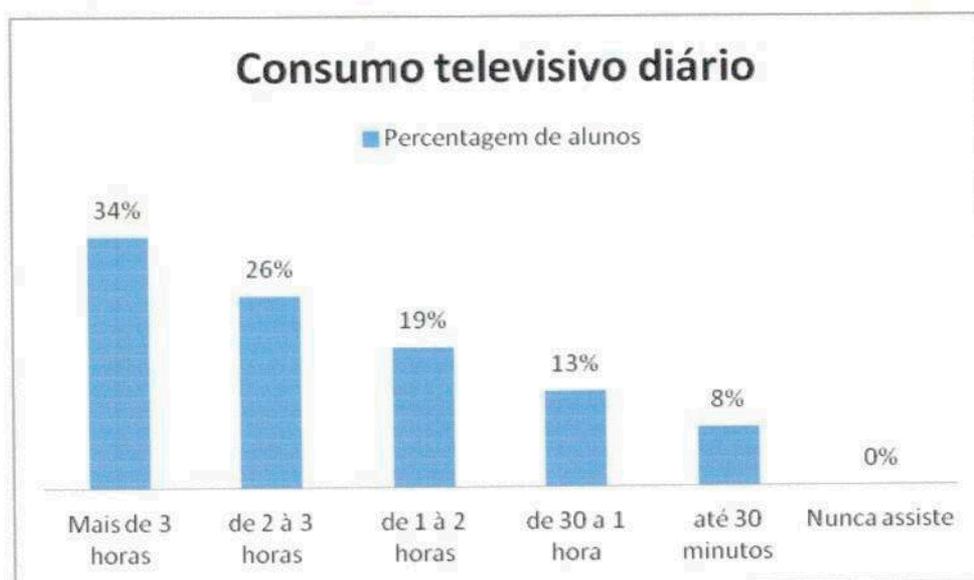


Figura 14: Representação quantitativa referente ao consumo televisivo dos alunos.

Quando questionamos sobre o tempo que disponibilizam para as atividades escolares diariamente a grande maioria (40%) afirmou que dedicam aproximadamente 30 minutos à 1 hora diariamente. (Figura 15)



Figura 15: representação quantitativa referente ao tempo disponibilizado para as atividades escolares extraclasse.

A maioria dos alunos entrevistado passam mais de 3 horas (34%) vendo televisão diariamente e quanto as atividades escolares (40%) dedicam de 30 minutos a uma hora. De acordo Schmidt (2006 p.6), as crianças brasileiras passam uma média de cinco horas diárias na frente da televisão, ou seja, mais tempo que permanecem dentro da escola diariamente. Além disso, começam a ver televisão antes mesmo de começar a frequentar a escola, chegando à idade escolar impregnadas pela “cultura midiática” (BACCEGA, 2000, p.95) apud Silva (2010), diz que a televisão com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e família o processo educacional, tornando-se um importante agente de formação, sendo que ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou a convivência com os pais.

Como se percebe existe uma cultura no Brasil, no que diz respeito ao consumo televisivo das crianças, ou seja, as crianças já ingressam na escola habituadas com o consumo televisivo e também os mecanismos utilizados por esse veículo: som, imagens, cores e a linguagem que abordam temáticas do cotidiano. Sendo assim, os dados obtidos através da pesquisa convergem com o pensamento de Schmidt (2006) e Silva (2010), pois a maioria dos entrevistados afirmou dedicar mais tempo ao consumo televisivo do que as atividades escolares.

Quando os alunos foram questionados se os pais determinavam se eles poderiam ver televisão à maioria (53%) afirmou que não, sendo que 39% disseram que às vezes. (Figura 16).

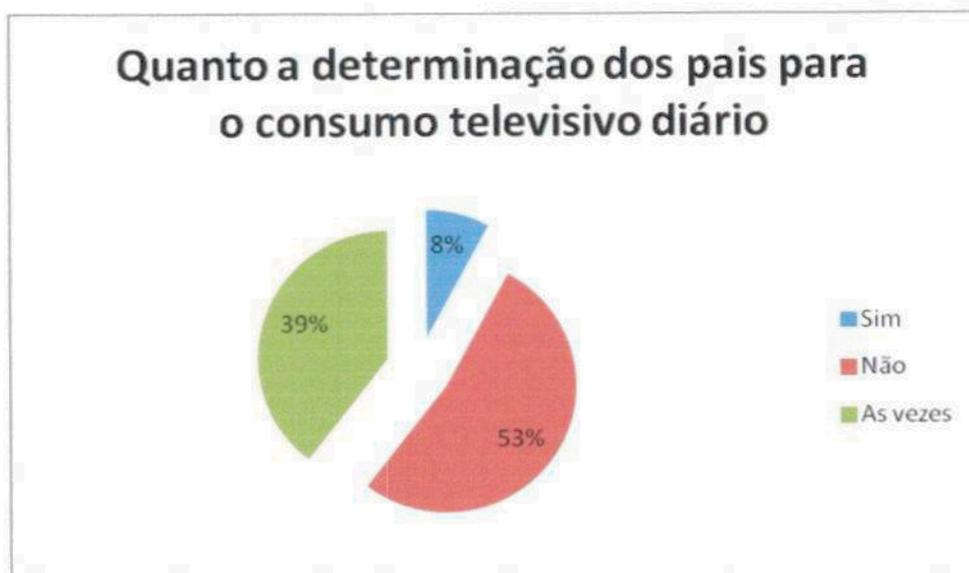


Figura16: Representação quantitativa referente à determinação dos pais para o consumo televisivo diário.

Quando questionados se os pais determinavam o tempo para que eles se dedicassem as atividades escolares a maioria (45%) respondeu que as vezes, enquanto que 29% afirmaram que não e cerca de 26% falaram que sim (Figura 17)



Figura 17: Representação quantitativa referente a determinação dos pais para que os alunos façam as atividades escolares diárias.

Foi observado que 53% dos alunos afirmaram que seus pais não determinam o tempo para o consumo televisivo diário. Quanto à determinação para as atividades escolares diárias 45% disse que os pais se impõem apenas às vezes. Dessa forma percebe-se que os pais de forma esporádica determinam regras aos seus filhos no que se refere ao consumo televisivo e também as atividades escolares, ou seja, o estudo extra classe. Este fato pode ser explicado pela argumentação feita por Silva (2010), pois essa autora afirma que “vivemos em uma sociedade do trabalho e da falta de tempo para a convivência familiar e o dialogo”. Nesse sentido, entende-se que os pais se dedicam ao trabalho deixando a educação dos seus filhos muitas vezes sobre a responsabilidade dos meios de comunicação, sobretudo o da televisão, pois é válido ressaltar que o público alvo da pesquisa pertence as camadas populares, na qual a TV é o aparelho eletrônico mais usado.

Nessa mesma camada social citada existe uma descrença por parte de uma maioria, esta no tocante ao poder transformador da educação, fato esse que é evidenciado no curta chamado “Vida de Maria” (1995) e em trechos do filme “Pro dia nascer feliz” (2006), neste são mostrados os descasos com a qual a educação brasileira vem sendo tratada pelos poderes públicos e a falta de perspectiva de melhoras advindas da educação, resultando num cultura que não acredita no poder transformador da educação. E como toda cultura esta também vem sendo passada, desta forma isso pode ajudar a compreender o comportamento dos alunos, pois a maioria parece comungar dessa cultura e vivenciar com intensidade a cultura midiática.

Deste modo verifica-se que os pais exercem uma participação passiva no tocante ao consumo televisivo e em relação ao tempo que os seus filhos dedicam as atividades extra classe.

### 5.3 Comparação Entre A Linguagem Televisiva E A Escolar

Com relação ao estudo de comparação entre a linguagem televisiva e a linguagem escolar foi observado por meio dos questionários: **“Você acha que a linguagem televisiva consegue desperta a sua atenção?”**

Após a análise foi constatado que 97,22% dos alunos afirmaram que sim, apresentando os seguintes depoimentos:

*“Porque além do entretenimento, a televisão não passa só coisas sem usos, proporcionam também a construção social do ser” (Aluno A)*

*“Porque inova os assuntos quebrando mais a tensão de teoria, só em leitura é mais cansativo” (Aluno B)*

*“Porque usa uma linguagem mais jovem e apresenta coisas mais interessantes de uma forma mais despojada e também nos liga a realidade mostrando algumas coisas parecidas com a realidade.” (Aluno C)*

*“a televisão é atrativa: ela é atrativa, e procura nos atrair de todas as formas com coisas que gostamos sem nos cobrar nada.” (Aluno D)*

Pode-se observar a presença de um elemento comum: os jovens, em sua maioria, consideram a linguagem televisiva interessante, sendo alegado que esta usa ou vincula na sua programação conteúdos que se aproximam da realidade que eles vivenciam, através de uma linguagem mais informal, dessa forma ficando implícito que a televisão atua como um meio de informação e aprendizagem.

Estes resultados vão ao encontro dos dados obtidos por Belloni (2009), pois ela afirma que a opinião majoritária da maioria dos jovens sobre a televisão é que esta funciona como um meio de informação e aprendizagem. Cabe lembrar que essa identificação acontece por que a TV utiliza a reprodução do social, passando a ditar padrões que age como um mecanismo de controle. Castro (2009) reforça afirmando que “o entretenimento é o principal produto oferecido pela cultura da mídia, que espetaculariza o cotidiano de modo a seduzir suas audiências e levá-las a identificar-se com as representações sociais e ideológicas nela presentes”. De acordo ainda com Belloni (2009) para isso se faz necessário a transmissão de uma cultura, cultura essa que passa a ditar as representações e as normas coletivas (estruturas simbólicas) que são apresentados aos jovens por meio de imagens e modelos idealizados. Dessa forma compreende-se que os jovens se identificam com a linguagem televisiva, pois está evidenciando o saber acumulado, informando sobre a atualidade e também criando padrões e normas sociais, que são cristalizados pelos veículos de comunicação, estas que na sua maioria têm como objetivo atender aos interesses da industrial cultural.

Outra pergunta requisitada foi: **“Na sua opinião, a linguagem usada pela televisão é mais atrativa do que a linguagem utilizada pelos professores nas aulas expositivas?”**

Cerca de 88,9% dos entrevistados afirmaram que sim, apresentando os seguintes depoimentos:

*“Por que as aulas as vezes se torna chata os professores falam muita coisa e na TV e muito mais interativa”.( Aluno E)*

*“Porque a linguagem televisiva explica mais o nosso dia a dia o que acontece de uma maneira simples e explicativa.( Aluno F)*

*“Pois na televisão há imagens que são mais interessantes do que os professores explicando direto sem os alunos entenderem nada”.( Aluno G)*

*“Pois na TV tem alegria e os professores so fazem ler e explicar livros”. (Aluno H)*

*“porque sempre mostra as coisas que queremos ouvir e facilita a aprendizagem as vezes” ( Aluno I).*

As respostas obtidas coincidem com as idéias defendidas por Vidigueira (2007) apud Zamponi (2002), afirma que a televisão é hoje em dia uma ferramenta educativa não formal pelos conteúdos que aborda e transmite, Weiss (2011, p. 1) comunga desse pensamento e diz que “a televisão apresenta com eficácia de comunicação em função de sua capacidade de articulação, de superposição e de combinações diferentes ( imagens, falas, músicas e escrita”).

Dessa forma verifica-se que os jovens consideram a televisão como um meio de informação mais eficaz do que a escola, pois de acordo com os mesmos esta utiliza uma linguagem que se aproxima mais do cotidiano, recorrendo as imagens e aos recursos tecnológicos.

Uma questão abordada no questionário apresentou algumas particularidades: **“As aulas conseguem despertar sua atenção?”**

Após a análise verificou-se que 74% dos alunos afirmaram que sim, apresentando as seguintes respostas:

*“Dependendo do conteúdo, e as vezes agente sempre acaba prestando atenção mesmo que seja só um pouco. Dependendo do professor também, além do seu método de ensino, a pessoa que ele é, se é uma pessoa mais comunicativa, mais fechada e etc.” (Aluno J)*

*“É tenho que prestar atenção mesmo, mas não são todas que desperta minha atenção”. (Aluno L)*

*“Principalmente as aulas de multimídia, em que os professores levam slides, filmes, com que despertam o interesse em estudar” (Aluno M)*

*“Sim, as vezes os professores tratam assuntos do nosso dia a dia, ai sim chama nossa atenção.” (Aluno N)*

É notório que a escola ainda não se adequou as necessidades e exigências da modernidade, pois através dos relatos obtidos fica evidente que a metodologia de ensino ainda se baseia nos fundamentos tradicionais da educação, embora que em algumas falas dos alunos estes dizem que as aulas conseguem despertar atenção. Percebe-se que os professores conseguem despertar a atenção quando falam de assuntos que fazem parte da vivência pessoal dos mesmos, ou então quando utilizam recursos tecnológicos, porém isso parece ocorrer de forma esporádica, fato este comprovado na questão 8 (questionário em anexo) em que a maioria 66% afirmou não está satisfeita com a forma como os conteúdos são trabalhados na sala de aula.

A questão 8 se refere a: **“Você está satisfeito na maneira de como os conteúdos são trabalhados em sala de aula?”**

Após a análise dos dados constatou-se que 65% dos alunos não estão satisfeitos. Este fato pode estar diferenciado da questão anterior devido os alunos serem diferentes e também porque 74% da questão podem não ter envolvido o parecer dos alunos O, P, Q e R.

Outra explicação é o fato de que nem todos os professores utilizam com frequência esta metodologia, nesse sentido pode ser que os alunos tenham analisado as questões a partir de formas diferenciadas, ou seja, quando as aulas são ministradas com a utilização de recursos didáticos e com conteúdos que se aproximam da realidade, estas conseguem chamar atenção, mas quando são ministradas de uma forma tradicional tendem a não agradar os alunos.

Os 65% que não estão satisfeitos deram os seguintes depoimentos:

*“Eles podiam mudar a forma de ensinar, falando a nossa linguagem, e também não falar tanto, mostrar, vídeos”. (Aluno O)*

*“Acho que os professores deveriam usar uma linguagem como a da TV por exemplo, algo que chame mais ainda a atenção dos alunos.” (Aluno P)*

*“Não escrever tanto no quadro porque é muito cansativo, trabalhar, mais com seminários, slides e outras coisas bem legais que eu sei que tem.” (Aluno Q)*

*“Na minha opinião as aulas , só com o quadro e o gis não despertam a atenção dos alunos”. (Aluno R)*

*“As aulas devia ser mais interessante quando vamos para a sala de Multi mídia e o filme que trata daquele assunto que o professor esta trabalhando.” (Aluno S)*

*“deveria ser trabalhado de outra forma como: menos deveres e também menos tarefas, por que é muita coisa para estudar assim dava fazer os deveres e estudar melhor.” (Aluno T)*

Belloni ( 2009) diz que “a escola vem perdendo a sua função de transmissão de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento”. Nesse sentido, entende-se que essa instituição enfrenta vários problemas, como por exemplo, no tocante a formação dos professores, fato que se revela na metodologia de ensino que não corresponde muitas vezes a realidade desse novo mundo em fase de transição, aonde as tecnologias vem ganhado cada vez mais espaço. A escola sofre e continua sofrendo, cada vez mais a concorrência da mídia, em especial a da televisão, com gerações de alunos formados por sucessão de conhecimentos obtidos por intermédio de discursos audiovisuais , por um repertório de dados obtidos por imagens e sons, com formas de transmissão diferentes dos que tem sido realizado. Dessa forma entende-se que a escola na qual a pesquisa foi realizada se enquadra nos levantamentos obtidos por Belloni (2009), pois esta ainda não absorveu as transformações nos novos modos de aprendizagem que fazem parte da realidade Educacional Brasileira.

## 6 CONCLUSÕES

Após a realização desse estudo foi observado que a linguagem televisiva é mais atrativa do que a linguagem usada no ambiente escolar. Baseado no que foi apresentado nas discussões chegou-se as seguintes conclusões.

Em relação à situação socioeconômica verificou-se que a renda familiar da maioria dos alunos entrevistados oscila entre um e dois salários mínimos e quanto à origem da renda o que predomina entre as famílias é o trabalho com carteira assinada. Constatou-se que a maioria dos alunos não exerce nenhuma função remunerada.

No tocante a moradia a maioria dos alunos moram em casas próprias, sendo que mais da metade ficam localizadas na zona urbana. A televisão foi o único aparelho eletrônico encontrado em todas as residências.

Outro ponto importante foi que boa parte dos alunos acessam sempre a internet e um número significativo já leram mais de quatro livros (científico ou literários). E quanto a repetência escolar observou-se que mais da metade dos alunos já foram reprovados pelo menos uma vez e também que um já tiraram notas inferiores a média em 2011.

Verificou-se que a maioria dos pais parece não exercer uma postura mediadora no que se refere ao tempo que os filhos dedicam a o consumo televisivo e as atividades escolares.

Constatou-se também que maioria dos alunos afirmou que a televisão consegue despertar sua atenção e que consideram a linguagem televisiva mais atrativa do que a linguagem usada pelos professores nas aulas expositivas.

Pode-se perceber que boa parte dos alunos acha as aulas atrativas, porém mais da metade não estão satisfeitos com a forma como os conteúdos são trabalhados na sala de aula.

Em suma, o estudo realizado sugere que a televisão através dos seus mecanismos consegue ser mais atrativa do que a linguagem usada pelos meios educacionais.

Nesse sentido, compreende-se que a televisão através da utilização de cores, imagens, sons e de uma linguagem de conteúdos que se aproximam do cotidiano dos alunos acaba assumindo um papel de educadora não formal, sendo seu poder de atuação no processo de formação é bem mais eficaz do que a instituição escolar que atual quase sempre baseada na utilização da escrita e nos livros didáticos.

Os resultados encontrados nesse trabalho coincidem com as conclusões de outros autores que realizaram pesquisa dentro dessa temática, essas que serviram de embasamento para o desenvolvimento dessa análise.

## 7 SUGESTÕES RELATIVAS A FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Para futuras investigações, é sugerido o aprofundamento dessa pesquisa a outras localidades e escolas, de modo a contemplar com um maior número de alunos, dessa forma viabilizando com mais precisão os motivos que tornam a linguagem televisiva mais atrativa para os jovens do que a linguagem escolar. Também um estudo específico para verificar se nesse processo ocorrem diferenças entre a clientela da zona urbana e da zona rural.

Os dados foram coletados através da aplicação de questionários, estes que devem ser complementados através de entrevistas, pois estas vão permitir uma exploração mais clara sobre os motivos que tornam a linguagem televisiva mais atrativa do que a linguagem utilizada no ambiente escolar. Acredita-se que o uso desses dois instrumentos de pesquisa seriam o mais indicado para o tipo de estudo que será realizado.

A influência da linguagem televisiva requer estudos mais aprofundados e especializados, recebendo contribuições de várias áreas do conhecimento. Nesse sentido, entende-se que se faz necessário pesquisas futuras que venham complementar e colaborar de tal forma que possa ajudar a compreender os mecanismos que tornam esse veículo ( a televisão) tão atrativa. De qualquer modo, pode-se dizer que a linguagem televisiva consegue ser mais atrativa do que a linguagem usada nos espaços escolares.

É sugerido que nas futuras investigações as pesquisas considerassem os seguintes eixos temáticos: A influência da Internet no cotidiano dos jovens brasileiros, os jovens e a Educação para as Mídias e a televisão enquanto ferramenta educacional.

Entende-se que essa análise teve como objetivo contribuir na compreensão da relação entre a educação e as tecnologias, mais especificamente a televisão. Mesmo sabendo que o tema é abrangente e que já existe um grande número de trabalhos desenvolvidos nessa direção. Acredita-se que se faz necessário outras pesquisas sobre a temática, para isso leva-se em consideração a importância do tema e o fato de que na região onde o trabalho foi desenvolvido praticamente não existe pesquisas nesse direcionamento.

Desse modo compreende-se que apesar das limitações dessa pesquisa é recomendável que as futuras investigações analisem a televisão por todos os ângulos, em particular nas contribuições que ela pode oferecer para o processo de ensino e aprendizagem do alunado.

## 8 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L. **Mídia, Educação e Cidadania na Aldeia Global: para que mundo estamos educando?** UNIrevista - Vol. 1, nº 3, julho 2006.

AQUINO, M. de A. **Metamorfoses da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambientes de informação.** Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 2, p. 7-14, maio/ago. 2004.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência.** Moderna. São Paulo: 1998.

BELLONNI, M. L. **O que é mídia-educação.**- 3. ed. Rev. - Campinas, SP: Autores associados, 2009.

BRAGA, M. M. De M. **Saga da Pequena Sereia: os Estudos Culturais "no Maravilhoso Mundo da Disney"**. Humanidades em Foco. Revista de Ciência, Educação e Cultura. - Ano 2 - Nº 4 - Out/Nov/Dez de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa **nacional biblioteca na escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras** /Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. - Brasília; Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Programa Escola Ativa - **Orientações Pedagógicas para a formação de educadoras e educadores.** — Brasília: SECAD/MEC, 2009. p. 30.

CALDAS, W. **O que todo cidadão precisa saber sobre cultura-** São Paulo: Global, 1986, (cadernos da educação política, sério sociedade e estado; 12)

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia, o discurso competente e outras falas.** Cortes. São Paulo: 1989.

\_\_\_\_\_. **Convite à filosofia.** Ática. São Paulo: 2000.

CIVITA, F. V. **Ofício de Professor aprender mais para ensinar melhor.** 1º edição: agosto de 2002- 4º impressão; janeiro de 2003.

CORAZA, S. M. **Planejamento de ensino como estratégia de política cultural.** In: MOREIRA, Antonio Flavio B. (org.) *Currículo: questões atuais.* Campinas: Papirus, 1997.

FISCHER, R. M. B. **Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em 11/07/2011.

\_\_\_\_\_. **Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem.** Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 26, p. 17-38, 2005.

FONSECA, G. C. C. **A leitura crítica dos padrões de beleza: uma possibilidade de letramento midiático para o Ensino Médio.** Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada. Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição.** Paz e Terra. Rio de Janeiro: 2000.

GOMES, P. B. M. B. **Mídia, imaginário de consumo e educação.** Educação & Sociedade, ano XXII, no 74, Abril/2001.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia.** EDUSC. São Paulo: 2001.

LAZAR, J. **Mediante! Televisão, cultura e educação.** Secretaria de educação a distancia.: Ministério da educação, SEED. Brasília: 1999.

LESSA, M. B. CAMPOS, R. **Indústria Cultural & Cultura da Mídia: da modernidade à lógica cultural pós-moderna.** In: XXVII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2004, Porto Alegre. XXVII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2004.

LIBANIO, J. C. **Didática.** ed. Cortez. São Paulo: 1991.

LISBOA, D. **A inter-relação entre a cultura midiática e a prática da educação.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio de 2010.

LUCK, H. **Perspectiva da Gestão Escola e Implicações quanto à formação de seus Gestores.** Em Aberto, Brasília, V. 17, nº 72, p. 11-23, fev./ jun. 2000.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: A vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.

MARTINO, L. C. **A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica.** Razón y Palabra, México, v. 50, 2006.

MASTELLA DA SILVA, V. ISER, F. **A mídia no processo educacional: a presença de produtos midiáticos em práticas educativas interdisciplinares.** In: XI Intercom Sul., 2010, Novo Hamburgo RS. XI Intercom Sul. Comunicação, Cultura e Juventude, 2010.

MELANDER FILHO, E. **A Cultura Segundo Edward B. Tylor e Franz Boas.** Gazeta de Interlagos, São Paulo, 13 mar 2009 a 26 mar 2009.

MENEGUEL, Y. P. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava.** Universidade Estadual do Centro-Oeste, Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Orientador: Oséias de Oliveira. 2008.

MOMO, M. **Elementos Para Se Pensar A Gestão Escolar. Em Uma Sociedade Do Consumo.** Disponível em: <[www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/84.pdf](http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/84.pdf)>. Acesso em 10/02/2011.

MOREIRA, A. S. **Cultura midiática e educação infantil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 02/08/2011.

PENTEADO, H. D. **Pesquisa-ensino: A comunicação escolar na formação do professor.** 1º edição. 2010.

PEREIRA, D. C. Z. **A influência da cultura contemporânea na (des)construção do corpo.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2009.

ROCHA R., CASTRO. G. **Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno.** Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. Ano 16, 1º semestre 2009.

SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura.** Brasiliense, p. 7-21. São Paulo: 2006.

SCHMIDT, S. **Em pauta: a aliança mídia e educação.** UNIrevista - Vol. 1, nº 3, julho 2006.

SCHUBERT, C. **A construção do conceito estético Ocidental e sua implicação na formação valorativa e no processo educacional.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau – 28 a 30 de maio de 2009.

SILVA, M. da V. **Educar com a mídia & educar para a mídia: uma proposta para melhorar a relação entre educandos e a televisão.** Cruz Alta: 1999.

SILVA, V. M., BASSO, B., ISER, et al. **A Mídia No Processo Educacional. A presença de produtos midiáticos em práticas educativas transdisciplinares nas escolas de Cruz Alta**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS 17 a 19 de maio de 2010.

SILVA, I. R. **A televisão possibilitando novos olhares no fazer pedagógico**. 2010. Disponível em: <<http://monografias.brasescola.com/pedagogia/a-televisao-possibilitando-novos-olhares-no-fazer-.htm>> Acesso em 10/10/2011.

STEY, M. N. **Corpo em metamorfose: Um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 79 - Diciembre de 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em 22/08/2011.

VIDIGUEIRA, V. C. R. **A influência da televisão no desenvolvimento sócio emocional dos adolescentes**. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/>> Acesso em 23/08/2011.

WEISS, J. R. **A importância da linguagem multimodal ao contexto da educação**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, N° 160, Septiembre de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso 05/10/2011.

**9 ANEXOS****Questionário Socioeconômico**

1. Série: .....

2. Idade:.....

3. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

4. Mora em residência:

( ) alugada ( ) própria ( ) cedida por familiares ou amigos temporariamente

5. Mora: ( ) zona urbana ( ) zona rural

6. Possui computador: ( ) sim ( ) não

7. Trabalha: ( ) sim ( ) não

8. Renda familiar:

( ) menos de um salário mínimo ( ) um salário mínimo ( ) mais de um salário mínimo

( ) mais de dois salários mínimos ( ) mais de três salários mínimos

9. Origem da renda:

( ) aposentadoria ( ) trabalho registrado ( ) agricultura familiar ( ) renda autônoma

10. Aparelhos que possui em casa:

( ) geladeira ( ) microondas ( ) TV ( ) DVD ( ) som ( ) fogão ( ) computador  
( ) freezer ( ) parabólica ( ) lavadora de roupas

11. Tem acesso a internet:

( ) nunca ( ) uma vez por mês ( ) uma vez por semana ( ) mais de uma vez por semana  
( ) sempre ( ) lan house

12. Já leu livros literários ou científicos:

( ) nunca ( ) um ( ) dois ( ) três ( ) quatro ou mais

13. Frequenta a biblioteca da escola:

( ) nunca ( ) raramente ( ) sempre

14. Já foi reprovado:

( ) nunca ( ) uma vez ( ) duas vezes ( ) três ou mais vezes

15. Já tirou nota inferior a média este ano:

( ) não ( ) uma ( ) duas ( ) três ( ) mais

### QUESTIONÁRIO 2: INFLUÊNCIA DA TV

1) Quanto tempo você disponibiliza para as atividades escolares diariamente?

- a) Não estuda                      b) Até 30 minutos  
c) De 30 minutos à 1 hora  
d) De 1 a 2 horas                e) De 2 a 3 horas  
f) Mais de 3 horas

b) Não

---

---

---

---

2) Quanto tempo você assiste televisão por dia?

- a) Não assiste                      b) Até 30 minutos  
c) De 30 minutos à 1 hora  
d) De 1 a 2 horas                e) De 2 a 3 horas  
f) Mais de 3 horas

6) Na sua opinião, a linguagem usada pela televisão é mais atrativa do que a linguagem utilizada pelos professores nas aulas expositivas? Justifique sua resposta.

a) Sim

---

---

---

---

3) Seus pais determinam o tempo em que você pode assistir televisão?

- a) Sim  
b) Não  
c) Às vezes

b) Não

---

---

---

---

4) Seus pais determinam um tempo para que você se dedique as atividades escolares?

- a) Sim  
b) Não  
c) Às vezes

7) As aulas conseguem despertar sua atenção? Justifique sua resposta.

a) Sim

---

---

---

---

5) Você acha que a linguagem televisiva consegue despertar sua atenção? Justifique sua resposta.

a) Sim

---

---

---

---

b) Não

---

---

---

---

8) Você está satisfeito na maneira de como os conteúdos são trabalhados em sala de aula?

a) Sim

---

b) Não

---

---

---

Se você respondeu NÃO na questão anterior, qual seria sua sugestão para tornar as aulas mais satisfatórias?